



**Universidade de Brasília**

**Instituto de Psicologia**

**Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura**

**Estrategias de Mediación en Mujeres Migrantes Hispanohablantes en Brasil**

Kathleen Damaris Chamorro Pablo

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carla Sabrina Xavier Antloga

Brasília, 2022

Universidade de Brasília - UnB

Instituto de Psicologia - IP  
Departamento de Psicologia Clínica - PCL  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura - PPG-PsiCC

**Estrategias de Mediación en Mujeres Migrantes Hispanohablantes en Brasil**

Kathleen Damaris Chamorro Pablo

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carla Sabrina Xavier Antloga

Dissertação apresentada ao Programa de Pós  
Graduação em Psicologia Clínica e Cultura,  
Departamento de Psicologia Clínica, Instituto de  
Psicologia da Universidade de Brasília como  
requisito parcial para a obtenção de título de  
Mestre em Psicologia Clínica e Cultura.

Brasília, 2022

## **Estrategias de Mediação em Mulheres Migrantes Hispanohablantes en Brasil**

Kathleen Damaris Chamorro Pablo

### **Banca examinadora**

Brasília, 15 de Junho de 2022.

---

Profª. Dra. Carla Sabrina Xavier Antloga (Presidente)  
PsiCC/PCL/IP/UnB

---

Profª. Dra. Maria Inês Gandolfo Conceição (Membro Titular)  
PsiCC/PCL/IP/UnB

---

Ângela Fátima Soligo (Membro Externo)  
FE/UNICAMP

---

Dr. Domingos Savio Coelho (Suplente)  
PPB/IP/UnB

Dra.

Prof.

*“Nada sería posible si la gente no  
deseara lo imposible” - Silvia Cusicanqui*

## Agradecimientos

*A mi Ayllu en Perú,  
al Ayllu del que hago parte en  
Brasilia y  
mi Ayllu de Mujeres  
Migrantes del Mundo.*

*Ao meu Ayllu no Peru,  
ao Ayllu do qual faço parte  
em Brasília e  
ao meu Ayllu das Mulheres  
Migrantes do Mundo.*

*\*Ayllu: palabra en quechua  
que hace referencia a familia,  
en la cosmovisión andina.*

*\*\*Ayllu: palavra quíchua  
que se refere à família  
na cosmovisão andina.*

## Índice

Lista de Tabelas e Figuras.....	07
Resumo da Dissertação.....	08
Resumen de la disertación.....	10
Dissertation's Abstract.....	12
Presentación de la disertación.....	14
División de manuscritos.....	20
Manuscrito I: Nuevas miradas: Desde la resignificación de la investigación, hacia una reflexión autoetnografía sobre mujeres migrantes hispanohablantes en Brasil.....	22
Resumen.....	22
Resumo.....	23
Introducción.....	24
Primero los libros, luego la práctica.....	28
Volviendo al campo: Etnografía Virtual.....	32
Reflexiones finales.....	40
Referencias.....	44
Manuscrito II - Conversatorios Virtuais de Mulheres Migrantes Hispano-Falantes: Uma Experiência de Pesquisa-Intervenção.....	49
Resumo.....	49
Resumen.....	50
Introdução.....	51
Método.....	54
Os Conversatórios na Prática.....	58
Resultados e Discussão.....	63
Experiências e Percepções como Pesquisadoras.....	66
Considerações Finais.....	69
Referências.....	71
Manuscrito III - Estrategias de Mediación en mujeres migrantes hispanohablantes en Brasil.....	76

Resumen.....	76
Resumo.....	77
Introdução.....	78
Métodos.....	84
Perfil de participantes.....	87
Instrumento y colecta de datos.....	88
Análisis de los datos.....	90
Resultados y discusión.....	90
Considerações Finais.....	101
Referências.....	103

### **Lista de Tabelas, Figuras e Anexos**

Tabela 1 – <i>Cantidad, contenido, participación y duración de las sesiones de los conversatorio</i> .....	37
Tabela 2 – <i>Participantes e Inscrições nos "Conservatórios"</i> .....	62
Tabela 3 – <i>Perfiles de las participantes de la colecta de datos</i> .....	88
Tabela 4 – <i>Contenido de las sesiones de colecta de datos</i> .....	89
Figura 1 – <i>Primeiro material de postagem nas redes sociais</i> .....	59
Figura 2 – <i>Identidade Visual do Projeto: Relatos de Mujeres Migrantes</i> .....	68
Figura 3 – <i>Clasificación jerárquica descendente</i> .....	91

## **Estratégias de mediação em Mulheres Migrantes Hispanofalantes no Brasil**

### **Resumo**

O processo pelo qual passa uma pesquisadora ao iniciar o seu trabalho em relação à migração externa, na atualidade, levanta questões como o aumento diário do número de migrantes, o papel das mulheres migrantes, o confinamento devido à COVID-19, entre outras implicações. Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo responder à pergunta "Quais são as estratégias de mediação desenvolvidas pelas migrantes hispano-falantes em seus diferentes contextos de produção; e qual a sua relação com o gênero?". Da mesma forma, detalhar se existe uma relação com a língua materna, impacto do que é prescrito – real, o gênero, o segmento racial e a situação migratória, no que diz respeito às estratégias de mediação. O referencial é metodológico qualitativo, com abordagem de pesquisa-intervenção e, mais especificamente por meio da etnografia virtual, assim, em termos de tratamento de dados, foi utilizado o programa Iramuteq para tratamento de dados, cujos resultados foram obtidos a partir da transcrição das oficinas virtuais realizadas com mulheres migrantes hispano-falantes residentes no Brasil. É importante mencionar que o estudo foi desenvolvido em três momentos: o primeiro de revisão bibliográfica, bem como uma abordagem metodológica; o segundo, foram utilizadas reflexões a partir do projeto “Relatos de Mujeres Migrantes”; e o terceiro à descrição das categorias que emergiram do tratamento dos dados, denominadas como: vínculos, migrante, experiências, interesses, oportunidades e trabalho. Além disso, foi possível concluir nos resultados que existe uma relação com a língua materna, o prescrito - real, gênero, segmento racial, status migratório e o desenvolvimento das estratégias de mediação das participantes. Por fim, cabe destacar que os resultados buscam promover um debate a respeito da migração internacional de mulheres,

contribuindo para a construção de sociedades mais inclusivas e capazes de reconhecer a complexidade das dinâmicas migratórias.

*Palavras chave: Mulheres migrantes hispanofalantes; Estratégias de mediação; migração feminina internacional; etnografia virtual*

## **Estrategias de mediación en Mujeres Migrantes hispanohablantes en Brasil**

### **Resumen de la disertación**

El proceso por el que atraviesa una investigadora cuando inicia su trabajo en la actualidad, levanta cuestiones en cuanto al aumento diario del número de migrantes, el rol de la mujer migrante, el confinamiento debido al covid-19 y varias otras implicaciones. En este sentido, el presente estudio tiene como objetivo responder a la pregunta “¿Cuáles son las estrategias de mediación desarrolladas por las migrantes hispanohablantes en sus diferentes contextos de producción y cuál es su relación con respecto al género?”. De la misma forma, detallar si existe relación con la lengua materna, impacto de lo prescrito - real, género, segmento racial y estatus migratorio, con respecto a las estrategias de mediación. El referencial metodológico es cualitativo, con un abordaje investigativo-interventor y, más específicamente por medio de una perspectiva etnográfica virtual, así en términos de procesamiento de datos, fue utilizado el programa Iramuteq. Los resultados fueron obtenidos a partir de la transcripción de los talleres virtuales realizados con mujeres migrantes hispanohablantes residentes en Brasil. Es importante mencionar que este estudio fue desarrollado en tres momentos; el primer momento de revisión bibliográfica, y abordaje metodológica; la segunda de reflexiones a partir del proyecto “Relato de Mujeres Migrantes”; y, el tercero de descripción de las categorías que emergieron del procesamiento de datos, denominadas como; vínculos, migrante, experiencias, intereses, oportunidades y trabajo. Además de ello, fue posible concluir en los resultados que existe relación entre; la lengua materna, lo prescrito - real, el género, segmento racial, estatus migratorio y el desarrollo de las estrategias de mediación de las participantes. Finalmente, cabe

destacar que los resultados buscan promover un debate al respecto de la migración internacional de mujeres, contribuyendo para la construcción de sociedades más inclusivas y capaces de reconocer la complejidad de las dinámicas migratorias .

*Palabras clave:*

*Mujeres migrantes hispanohablantes; estrategias de mediación; migración femenina internacional; etnografía virtual.*

## **Mediation strategies in Spanish-speaking migrant women in Brazil**

### **Dissertation's Abstract**

When a researcher's study is based on external migrations, their process studies a series of inquiries such as: the daily increase in the number of migrants, the role of migrant women, the confinement by Covid-19 pandemic and several other implications. In this sense, the present study aims to answer the question "What are the mediation strategies used by Spanish-speaking migrants in their different interpretations; and what is their relation to gender?". In addition, detailing if there is a relation to such population's first language, impact of the prescribed - real, gender, racial segment and migratory status, in accordance to mediation strategies. The research is based on a qualitative methodological framework with an investigative-interventional approach and more specifically a virtual ethnographic approach. The program used to process data was Iramuteq. All data results were obtained from the transcription of the virtual workshops carried out with Spanish-speaking migrant women who are currently living in Brazil. It is important to mention that this study was developed in three different moments. Firstly, a literature review and methodological approach. Secondly, ideas taken from the project "Relato de Mujeres Migrantes". Finally, the description of categories that emerged from the data processing, which were named as; ties, migrant, experiences, interests, opportunities and work. In this sense, it was possible to conclude that there is a relation to their first language, the prescribed - real, the gender, racial segment, migratory status and the development of participants' mediation strategies. Lastly, it is important to mention that the results seek to promote the debate about international women migration, thus generating a contribution to the construction of more inclusive societies that

recognize the complexity of the migratory dynamic.

*Keywords: Spanish-speaking migrant women; Mediation strategies; international female migration; virtual ethnography.*

## **Presentación de la disertación**

El presente documento tiene como objetivo brindar una breve descripción y contextualización sobre los tres manuscritos que comprenden el desarrollo del estudio, que se desarrolló a lo largo del 2019-II al 2021-II. En los tres artículos se utiliza la metodología cualitativa como base, ya que se busca contribuir con esta área de estudio a través de la narrativa, de toda la experiencia de la investigación.

En cuanto a la contextualización, se debe entender que existieron innumerables variaciones en cuanto a la planificación del estudio, esto debido a la pandemia por COVID-19 por la cual se está atravesando actualmente. Ya que cuando se inició la planificación del estudio, no existían aún dificultades en cuanto a la pandemia y todo lo acontecido, esto es importante de mencionar, puesto que en los tres documentos se verán reflejadas las variaciones de una planificación presencial a una aplicación virtual.

Sobre el estudio, que si bien inicia con la pregunta de estudio de “¿Cuáles son las estrategias de mediación utilizadas por las migrantes hispanohablantes en sus diferentes contextos de producción y cuál es su relación con respecto al género?”, busca también detallar si existe una relación en cuanto a la lengua materna, impacto de lo prescrito - real, género, raza y estatus migratorio, con respecto a las estrategias de mediación, desarrolladas en sus contextos de producción en Brasilia, se debe mencionar que el estudio estaba pensado con un público objetivo de mujeres migrantes hispanohablantes que residían en Brasilia, puesto que inicialmente este se realizaría presencialmente. En vista de lo ocurrido en relación a la pandemia, la investigación tomó un rumbo virtual, lo cual hizo que el estudio se extendiera a lo largo de todo el territorio de Brasil.

En los documentos se busca relatar todo lo acontecido a lo largo de todo este proceso de investigación, desde una perspectiva de la investigadora y equipo de estudio. Esto apuntando a los cuestionamientos que se fueron incorporando, a partir del contacto con las participantes y espacios en los que se compartía con ellas. Seguida a esta línea, en cuanto a la literatura encontrada, la forma de ver a las participantes y las necesidades del estudio, que fueron tejiendo la forma en la que se desarrolló el estudio.

Este proceso se dio de forma orgánica bajo una metodología de aplicación etnografía - autoetnografía, la cual permitió abarcar las variaciones por las cuales el estudio fue transitando. De tal forma en la que se han podido recopilar registros fotográficos, audiovisuales y relatos, tanto de las participantes del estudio, como de las facilitadoras. Las evidencias fueron incrementándose en función al avance del estudio, para ello se brindará mayor detalle en cada documento, para que el lector acompañe de esta forma el proceso de la investigación en sus tres momentos.

Debemos entender que, si bien todos los artículos guardan relación entre ellos, pueden variar en cuanto al objetivo que cada uno de ellos tenga, ya que al describir el desarrollo del estudio en tres diferentes momentos de la investigación, la finalidad de cada artículo variará en función a lo que se quiera resaltar en cada documento. Es decir, en un primer momento, se relata sobre la planificación, la aproximación con la parte metodológica y el primer contacto con el público objetivo. En el segundo documento vemos un artículo más enfocado a los conversatorios, como espacio virtual y de acercamiento a las participantes. Finalmente, en el tercer artículo, una descripción de lo encontrado en la colecta de datos.

En el primer artículo se desarrolla una narrativa más personal (autoetnografía), de toda la experiencia por la cual se atraviesa a lo largo de la configuración del proyecto, cómo se

planificará, delimitación del público objetivo, entre diversas necesidades técnicas y metodológicas. Todo esto durante un proceso de adaptación a un nuevo contexto en Brasilia.

La forma en la que se aborda este primer artículo es desde una mirada autoetnográfica, la cual trae a resaltar, la relación entre quien desarrolla el estudio y el desarrollo como tal, de este. Ya que, a lo largo del artículo se relatan las diversas vivencias a partir del cuestionamiento que trae la literatura, metodología y el contacto con otras mujeres migrantes hispanohablantes que participan del estudio.

En este primer momento es donde se comienza a buscar contacto con mujeres migrantes hispanohablantes, a través de espacios virtuales, esto debido a que este momento coincide con el inicio del confinamiento de la pandemia. Esto trajo una reformulación en cuanto a la colecta de datos, que en un principio se pensó, sería de forma presencial y tuvo que variar debido a la pandemia. Es así como se inicia la búsqueda de espacios virtuales, a través de la creación de una cuenta “Relatos de Mujeres Migrantes” en una red social popular (Facebook), donde a través de ella se pudiese tener contacto con las posibles participantes del estudio.

Durante el proceso del primer contacto, se realiza una búsqueda de grupos en la red social (Facebook), donde mujeres migrantes hispanohablantes estuviesen agrupadas en función a diversas actividades o temas de interés, percibiendo que eran escasos, por no decir inexistentes, que conformados solo por mujeres. Lo cual trajo a reflexión que no se contaba con un espacio virtual en la que se podría interactuar con ellas, para esto se inicia con la creación de este espacio virtual. La creación de un espacio seguro, la cual pasó de una red social, a una plataforma de interacción audiovisual. Se llevaron a cabo filtros y medidas para salvaguardar el bienestar de las participantes, esto pensado en función a su exposición frente a algún imprevisto que pudiese acontecer.

Cabe resaltar que, pese a las medidas de seguridad que se tomaron, las facilitadoras no pudieron escapar a mensajes violentos por parte de algunas personas, así como cuestionamientos constantes sobre por qué los espacios virtuales solo eran para mujeres.

Como mencioné en un primer momento, se realizó toda la configuración del estudio en donde se pasa tanto por el diseño y creación de un logo que nos identifique, hasta la creación de un espacio virtual que acoge semanalmente a un grupo de mujeres para conversar de diversos temas.

El segundo artículo, tiene como objetivo describir el proceso de la creación de los conversatorios y contribuir con la experiencia obtenida en los conversatorios, cuál fue el abordaje que se utilizó y resaltar la importancia de esta actividad en la investigación. Esto en respuesta al hallazgo que se realizó (detallado en el primer artículo) sobre la escasez de espacios virtuales exclusivos de mujeres.

Los conversatorios son espacios semanales de aproximadamente hora y media de duración, en donde se les facilita un espacio virtual a un grupo de mujeres migrantes que cuenten con acceso a internet y a un dispositivo electrónico. Esto último porque los encuentros son a través de una plataforma de videollamadas (Zoom).

Cabe resaltar que, los conversatorios tienen un proceso previo de difusión, diseño de artes y creación de formulario. Este momento, es donde miembros del equipo realizan la difusión de la reunión en todos los grupos a los cuales pertenecemos de la red social (Facebook) a través de la cuenta del proyecto “Relatos de Mujeres Migrantes”.

La cuenta por la cual nos comunicamos con las participantes, ha pasado también por cambios, como tener una identidad visual, estandarización en las artes de la difusión de las reuniones; de igual manera, esto ha ocurrido con los formularios de inscripción a las reuniones.

Además de las variaciones del conversatorio en la parte logística, también hay variaciones en el espacio como tal, ya que en un inicio se realizaban espacios estructurados, tomando un poco la lógica de un taller corto; sin embargo, los espacios orgánicos fueron tomando una forma más libre, en donde las participantes comenzaban sus relatos a partir de una vivencia diaria, hasta terminar en un tema particular del interés de todas las que asistían a dicho conversatorio. Los temas del conversatorio han ido variando en función a las necesidades del grupo.

Esto último ha sido importante en el proceso de desarrollo de los conversatorios, puesto que al dejar el espacio a disposición, se puede percibir la necesidad de escucha que existe en las participantes. Es así como los conversatorios brindan la escucha colectiva que las participantes requieren, y en sus palabras que muchas veces no encuentran en su vida diaria.

Finalmente; en el tercer artículo, el objetivo principal está enfocado en describir los resultados hallados y la colecta de datos. Esto último a través de talleres participativos, donde cada sesión grupal tenía un tema en específico. En el caso de la primera sesión, el enfoque estuvo en la sensibilización de las participantes en cuanto a su migración (llegada a Brasil) y sobre el comienzo de su estancia en el nuevo país. En un segundo momento se daba la entrevista, y finalmente la tercera sesión grupal donde se tocaron temas específicos sobre contextos de producción en los que estaban envueltas y su influencia en cuanto a su lengua. Dichos talleres se analizaron mediante el Programa Iramuteq.

Abordando la metodología de análisis que se realizó con el Programa de análisis léxico Interfaz de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires - IRAMUTEQ, versión 0.7.

De esta forma detallar cada una de las categorías; Clase (1) a la cual se le colocó el nombre de “Vínculos”, debido a que las palabras que fueron asociadas a las relaciones afectivas que la tenían con sus hijos, amistades, lugares y objetos. En cuanto a la Clase (2), se le colocó el término “Migrante”, ya que hace referencia al proceso al que los migrantes en general están expuestos. En la clase (3) el término colocado fue de “Experiencias”, en función a las vivencias experimentadas. Así mismo en la clase (4), “Intereses” fue el término que englobe los relatos acerca de las actividades que realizaban las participantes. En relación a la clase (5) “Oportunidades”, ya que se hizo mención al acceso que tuvo, y finalmente la clase (6), se nombró “Trabajo”.

Dicho esto, se realizó un análisis de las categorías y los objetivos específicos, en correlación con los resultados de las clases, a través de las concordancias en los segmentos en cuanto a las clases.

Con los documentos presentados se busca contribuir con el largo camino que hoy está recorriendo el campo de la investigación en cuanto a la migración, y la perspectiva de género que esta debe tomar. Entendemos que a partir de la investigación surgen más dudas que respuestas, en relación a ello, se puede decir que aún hay mucho por aprender sobre las mujeres migrantes y las diferentes situaciones que las aquejan y son de su interés.

## **División de manuscritos**

*A continuación, se detallarán (3) momentos, en forma de manuscritos de la investigación realizada, a lo largo del proceso del estudio.*

*Cada una, trae consigo un escrito, de las mujeres migrantes, que hicieron posible este estudio.*

*“Asimilar, incorporar, adoptar y adaptar, crecer y aprender.  
Aprender mucho, todo el tiempo.  
Aceptar los momentos duros,  
aceptar los momentos dulces,  
valorar lo dejado atrás,  
valorar lo nuevo”- María*

## MANUSCRITO I

### **Nuevas miradas: Desde la resignificación de la investigación, hacia una reflexión autoetnografía sobre mujeres migrantes hispanohablantes en Brasil**

#### **Resumen**

Al iniciar una investigación de corte académica, los estudiosos se encuentran con una realidad de múltiples posibilidades, tanto metodológicas como de campos de estudio, que pueden volver este proceso ciertamente intimidante. Sobre todo, para el caso de mujeres migrantes hispanohablantes en Brasil. Por tal motivo, esta investigación tiene como objetivo visibilizar, no sólo las problemáticas de las mujeres migrantes como “objeto de estudio”, sino mostrar a otras mujeres que existan redes de contacto entre ellas, que sirven de soporte y que además vinculan el sentido de identificación y pertenencia a esta comunidad de mujeres migrantes en Brasil que, a su vez, hacen parte de una comunidad mundial. Esto bajo un marco metodológico de revisión de literatura, análisis de vivencias, puesto que este estudio presenta experiencias personales y el enriquecimiento de literatura sobre mujeres migrantes hispanohablantes en Brasil. En ese sentido, el presente estudio busca contribuir al campo de la investigación cualitativa a través de una escrita y narrativa personal que brinda la riqueza del enfoque autoetnográfico. Brindando de esa forma reflexiones que abren la discusión, en cuanto a la resignificación de saberes previos en relación a la investigación. En paralelo, el estudio se contextualiza en la virtualidad debido a la crisis sanitaria producida por el virus de la Covid-19.

#### ***Palabras-claves:***

*Mujer migrante, mujer hispanohablante; autoetnografía, etnografía virtual, virtualidad y Covid-19*

## **Resumo**

Ao iniciar uma pesquisa acadêmica, os estudiosos se deparam com uma realidade de múltiplas possibilidades, tanto metodológicas quanto de campos de estudo, o que pode tornar esse processo certamente intimidador. Sobretudo, no caso das mulheres migrantes hispano-falantes no Brasil. Por isso, esta pesquisa visa visibilizar, não só a problemática das mulheres migrantes como “objeto de estudo”, mas também mostrar a outras mulheres que existem redes de contato entre elas, que servem de apoio e também vinculam o sentido de identificação e pertencimento a essa comunidade de mulheres migrantes no Brasil que, por sua vez, fazem parte de uma comunidade mundial. Isso sob um referencial metodológico de revisão de literatura, análise de experiências, uma vez que este estudo apresenta experiências pessoais e o enriquecimento da literatura sobre mulheres migrantes hispano-falantes no Brasil. Nesse sentido, o presente estudo busca contribuir para o campo da pesquisa qualitativa por meio de uma narrativa escrita e pessoal que proporciona a riqueza da abordagem autoetnográfica. Proporcionando assim reflexões que abrem a discussão, no que diz respeito à ressignificação de conhecimentos prévios em relação à pesquisa. Em paralelo, o estudo é contextualizado na virtualidade devido à crise sanitária causada pelo vírus Covid-19.

### ***Palavras chaves:***

*Mulher migrante, mulher de língua espanhola; autoetnografia, etnografia virtual, virtualidade e Covid-19*

## Introducción

El proceso en el que nos embarcamos los nuevos investigadores cuando iniciamos un estudio, devela una infinidad de situaciones por las cuales atravesamos en el curso del desarrollo de la investigación. A partir de lo mencionado y contextualizando el tema a tratar, podremos ver que la materia de mujeres migrantes hispanohablantes en Brasil trae a destaque otros temas que se encuentran estrechamente ligados; como el estudio de género, país de recepción, las motivaciones para migrar; los privilegios digitales y la perspectiva desde qué lugar viene esa observación; así también, los motivos que posibilitan esta intersección. Que, si bien es cierto, se ubican desde la particularidad, estos temas se encuentran estrechamente vinculados.

Partiendo de una premisa inicial, se desencadenaron un sinnúmero de reflexiones, que iré desglosando a lo largo del artículo. En ese sentido, el presente estudio busca contribuir al campo de investigación cualitativa a través de una escrita y narrativa personal, que trae la riqueza de las reflexiones, que ofrece la metodología autoetnografía.

Esta se basa en responder la pregunta general de investigación, ¿Cuáles son las estrategias de mediación utilizadas por las migrantes hispanohablantes en sus diferentes contextos de producción, y si guardan relación con su género? Esta interrogante trae diversas reflexiones a la investigadora en referencia al proceso de colecta de datos virtual, los cambios que ocurren a partir de la pandemia y, sobre todo, la toma de conciencia de la propia migración desde la experiencia que permite el contacto con diversas mujeres migrantes en Brasil.

Como resultado de la discusión, surge la reflexión acerca de la sensación de “sentirse sola”, a pesar de existir una multitud de mujeres migrantes alrededor del mundo. Esto me trae a reflexión, el recuerdo de mi llegada a Brasilia y como en ese momento, los días pasaban lentamente, las semanas eran eternas y los meses tardaban en llegar. No comprendía en este

momento porque el tiempo había “cambiado”, algo que fui percibiendo a los pocos fue que existía una relación entre adaptación al nuevo espacio y el correr de los días. Consideró hoy que la percepción del tiempo es un indicador, que no debe pasar desapercibido en los y las migrantes.

Por tal motivo, esta investigación busca visibilizar no sólo las problemáticas de las mujeres migrantes como “objeto de estudio” sino mostrar a otras mujeres que existan redes de contacto entre ellas, una red de soporte que, además vincula el sentido de identificación y pertenencia a esta comunidad de mujeres migrantes en Brasil que, a su vez, hacen parte de una comunidad mundial.

Iniciare entonces, señalando que no se tiene un significado de migrante ya que aún no se cuenta con una definición “oficial”, esto a pesar de tener coincidencias entre diversos autores. Sin embargo, para propósitos de este documento tomaremos lo mencionado en el Glosario de la Organización Internacional de Migrantes - OIM (2009) para situar el término de migración como el “Movimiento de personas fuera de su lugar de residencia habitual, ya sea a través de una frontera internacional o dentro de un país”, y migrante como “toda persona que se traslada fuera de su lugar de residencia habitual, ya sea dentro de un país o a través de una frontera internacional” (OIM, 2009). Estos conceptos son referenciales a un término genérico que no se encuentra definido en el derecho internacional, pese a que la migración internacional está sustentada bajo la Declaración Universal de los Derechos Humanos (1948), donde; en el artículo 13, se hace mención a que las personas tienen derecho a salir del país en donde se encuentren hacia otro que ellos crean conveniente.

En este punto se debe tener en cuenta a Castles (2000) que plantea cuáles son las motivaciones que tienen las personas para migrar, y cómo es que el avance nos lleva a este fenómeno, que conduce a los migrantes a la búsqueda de mejoras de economía y educación,

motivándolos así a procurar mejores oportunidades en otros territorios. Esto nos propone pensar acerca del ciclo sin fin de la migración y el desarrollo, cómo se encuentran ligadas y se sustentan para obtener la anhelada calidad de vida, que se da a través de un proyecto de vida que realizan los migrantes y no solo por una peripecia espontánea, como afirma Dutra (2012).

Teniendo en cuenta lo anterior, se puede dar inicio al análisis de datos de la comunidad migrante en el mundo y su representación numérica. Como se muestra en el informe de la Organización Internacional para las Migraciones - OIM (2020), en el que se indica que, hasta ese año, eran 272 millones de migrantes internacionales. Lo cual generaba un estimado del 3.5% proporcionalmente en cuanto a la población mundial, y que el 47,9% de este grupo de personas eran mujeres. Estos porcentajes me exhortan a pensar cómo hacen en diversas partes del mundo los migrantes internacionales, y dentro de ese universo, las migrantes hispanohablantes en Brasil. Ahora bien, situándonos en el contexto brasilero donde hasta el 2020 las cifras indican que había 1,1 millón de migrantes internacionales en el territorio, y el 46% eran mujeres. Este porcentaje asciende a 496,800.00 de mujeres migrantes internacionales que se encontraban registradas hasta septiembre del 2019, según el portal de datos mundiales sobre la migración ONU DAES (2020). Estas cifras evidencian la cantidad de mujeres migrantes y refugiadas que se encuentran en Brasil.

A través de los datos y porcentajes presentados se brinda una idea de cómo se pueden percibir los migrantes internacionales dentro de este “volumen” de personas que se resumen en cifras. Esto me trae a reflexión con respecto al papel que desempeñan las mujeres migrantes en este grupo humano, los diversos contextos y las complejidades que cada una carga. Esta fue una de las motivaciones iniciales que me llevaron a desarrollar este estudio. Que se dio en tres artículos, siendo este el primero de esa trilogía.

Es importante contextualizar lo antes mencionado, ya que cuando se inició el estudio, se buscó responder la pregunta general ¿Cuáles son las estrategias de mediación utilizadas por las migrantes hispano hablantes en sus diferentes contextos de producción y si guardan relación con su género?”. Dicha pregunta se responderá en el último artículo que forma parte de esta trilogía de productos académicos. Sin embargo, es importante conocer el término “estrategias de mediación” puesto que se utilizará a lo largo de los tres manuscritos; es así que, Ferreira y Mendes (2003) conceptualizan este término como las formas en las que los trabajadores y las trabajadoras lidian (piensa - siente- actúa) con su contexto de producción (espacio físico en donde realizan la actividad) en el cual se encuentran inseridos.

Concretamente, este primer artículo está enfocado en la localización metodológica y revisión de literatura; el segundo, enfocado en la experiencia del proyecto “Relatos de Mujeres Migrantes” como tal; y, finalmente, el tercero, en la colecta de datos, así como el análisis de los resultados.

Ahora bien, el presente artículo se sitúa en el proceso inicial del estudio, en donde se dan las resignificaciones en cuanto a lo que se conoce como investigación; así como, la conciencia de identidad, el desarrollo metodológico y otros tópicos que se desencadenaron a partir de la primera premisa. Dicho esto, es importante mencionar que era difícil imaginar la diversidad de reflexiones que detonaría la interrogante general, no presentándose una respuesta directa; sino, por el contrario, develando otros temas relacionados a: mujer migrante hispanohablante, contexto de producción y género, y el nexos que guardan entre ellas.

### **Primero los libros, luego la práctica...**

En mi trayectoria como psicóloga en Perú, una práctica que adopté y que se tornó habitual a lo largo de los años, fue la variedad de grupos humanos con los que trabajé. Dentro de estos destacaron los llamados grupos de poblaciones “vulnerables”, considerando este último término a partir de la mirada de Santi (2015).

Esta labor me llevó a conocer diferentes contextos – realidades y, con esa primera mirada, cultivar la curiosidad por conocer lo que estaba ocurriendo con estas personas y sus medios.

Frente a ello, inicié una búsqueda de múltiples cursos que me ayudarían a obtener información actualizada al respecto de los casos que se presentaban en mi ámbito laboral en Perú. Las cuales trajeron nuevas percepciones que, en algunos casos, daban a denotar que los aprendizajes impartidos no reflejaban las problemáticas de la realidad en la cual se estaba trabajando. Al encontrarme con ese escenario, inició un distanciamiento con la Academia, a través de un “divorcio” inconsciente que se dio de forma silenciosa debido a las carencias entre lo dicho en los cursos y lo observado en algunos campos de trabajo.

Esto es relevante de mencionar ya que cuando comencé el proceso de estudios superiores de maestría en la Universidad de Brasilia, no solo se tuvo el desafío lingüístico, sino que tuve que acostumbrarme a todo un nuevo sistema académico al cual no estaba familiarizada. Como consecuencia de este nuevo proceso, donde primero debía nutrirme de literatura especializada para luego pasar a la interacción con los llamados por Guber (2019, p. 16) “actores, agentes o sujetos sociales”. Algo contrario a la experiencia profesional previa en donde se observaban los fenómenos a trabajar desde el mismo campo de intervención.

Los cuestionamientos, el crecimiento y la adaptación, han acompañado tanto al estudio como a mi vida personal en este proceso, dado que no fue una labor sencilla de desarrollar en

Brasilia. Hasta hoy no comprendo cómo movilizarme, así como las dinámicas de esta ciudad y de igual manera las formas de socializar, pese a ello conseguí una red de apoyo, que en su mayoría están compuestos por coterraneas, migrantes brasileños internos, migrantes externos, y personas parte de la comunidad sorda de Brasilia.

Lo anterior trae a reflexión como lo que ya es conocido previamente juega un papel activo en nuestro comportamiento, no es “fácil” de cambiar, aunque cambie el lugar físico (país o ciudad). Las ideas conocidas, costumbres, saberes, entre otros, son esa zona segura propia que se tienen para existir y subsistir a lo “nuevo”.

Desde ese punto de vista de saberes previos, destaca la reflexión de la interventora social Calva (2019) sobre el desafío que trae la reflexividad a partir de la consciencia propia. Esta llamada “conciencia” ha sido compleja de conquistar debido al contraste entre los años de praxis profesional y los nuevos aprendizajes. Por lo que, el proceso de deconstruir y reaprender trajeron recuerdos sobre la formación pre-profesional de años atrás.

Dicho esto, iniciare con la descripción de lo hallado en cuanto a la metodología cualitativa; según Marshall & Rossman (2011) quienes desarrollan las tipologías para organizar los campos de estudio en los que se describe seis tradicionales: etiología humana, psicología ecológica, etnografía holística, antropología cognitiva, etnografía de la comunicación y simbología interaccionista. A su vez, Jacob (1987), en su crítica ofrece siete cortesías diferentes; tales como: interaccionismo, simbolismo, antropología, sociolingüística, evaluación etno-democrática, etnografía neomarxista y feminismo. Creswell (1998) señala otras estrategias de estudio como la discusión biográfica, la fenomenología, la interacción simbólica, la etnografía, las teorías del contacto con el campo y el estudio de casos. Por otro lado, Patton (2002) incluye en su lista de teoría de sistemas, la teoría del caos. Y recientemente, Marshall &

Rossmann (2011), el reconocimiento de los estudios de casos; etnografía, participación observacional y performance etnográfica, fenomenología y etnometodología. Se presta mayor atención a tres géneros; sociedad y cultura (etnografía), experiencia de la experiencia individual (fenomenología) y lenguaje y comunicación (sociolingüística). Como se puede apreciar, la metodología cualitativa nos brinda una amplia variedad de posibilidades para abordar el presente estudio. En este sentido, con Guerrero (2016) se pudo percibir, en este sentido, la riqueza del estudio cualitativo a partir de la libertad y flexibilidad que otorga en comparación a otras formas de investigación científica.

Dentro de los aprendizajes que se han mencionado en esta investigación resaltan los estudios sobre metodología cualitativa que nos trae Packer (2011) en su análisis sobre la investigación cualitativa padrón, donde pone atención en la ansiedad que sufren los investigadores a causa del análisis del material cualitativo, sobre todo, cuando es la primera vez en ese campo metodológico. Para ello es importante que, como investigadores, dentro del análisis, tomemos notas o "recordatorios" sobre las categorías en las que trabajamos, así como la explicación de los datos. Así mismo, Coutinho (2014) resalta el papel del investigador en cuanto a la recolección de datos y sobre todo sus competencias integrativas e interpretativas en relación a lo hallado. Lo mencionado hasta aquí supone dar una mirada general a la metodología cualitativa.

Del mismo modo, en relación a la metodología cualitativa, la socióloga Eakin (2016) a partir de su amplia experiencia en el campo de la salud, resalta su abordaje basado en su experiencia personal y de observación. Así como, la etnografía crítica trae reflexiones sobre los desafíos de crear estrategias para re-pensar la investigación tradicional y de esta forma acercar a los investigadores hacia una metodología cualitativa crítica. Lo cual resalta la experiencia de la

autora en el campo de la salud y cómo este análisis puede darse en otros contextos. En cuanto a mujeres migrantes podemos estudiar su interacción tanto en el ámbito de salud física, como salud mental, ya que, como menciona Eakin (2016) es preciso priorizar la profundidad metodológica en relación a la amplitud, habilidades de sobrevivencia pragmática y sobre todo creando comunidades de apoyo en la práctica de la investigación.

Es necesario, además, tener en cuenta el enfoque de etnografía de Guber (2019), donde señala que busca establecer vínculos entre la teoría e investigación, y con ello contribuir a nuevos conocimientos. Tal y como trae acotación Eakin (2016) en relación a creación de comunidades e investigación.

Ahora bien, dentro del contexto de pandemia, debido a la Covid-19 que se presentó al inicio del trabajo de campo, se tuvieron que realizar ajustes para continuar con la investigación. Es por ello, que se acude a la etnografía virtual. Este abordaje de formato adaptable, sirvió a los propósitos del estudio, ya que según Hine (2011) busca explorar a través de la observación la comprensión de su “mundo social”, las interacciones, relaciones, y la vida social dada en el contexto virtual. Sin perder de vista que este análisis carga un sentido parcial, denotando que no se refiere a una realidad estricta ya que carece de espacio físico.

Con este método etnográfico - virtual se busca enfocar el estar "ahí" para ser parte del día a día de la comunidad y la cultura. Uno de los aspectos positivos es que se puede investigar el comportamiento en áreas remotas, tener información diaria y sincronizada, además de traspasar barreras físicas con algunos individuos para ser entrevistados o realizar otro tipo de intervención, informan Marshall & Rossman (2011).

Ahora bien, ya habiéndonos situado metodológicamente en el estudio cualitativo, podemos ahora detallar a la autoetnografía. De esta manera, iniciaré mencionando que la

autoetnografía nace de los pensamientos, sentimientos, identidades, experiencias que nos cuestionan nuestra comprensión sobre nosotros mismos, los otros y nuestro mundo, según Adams et al. (2015).

Como este abordaje se asienta en tres orientaciones; la primera es la metodológica, la cual tendría base en el análisis; luego se tiene a la cultural, enfocada en la interpretación (de los factores recordados y del aspecto objeto de investigación y sujetos); y, finalmente la orientación del contenido, cuya base es autobiográfica dentro de un contexto reflexivo. Esto nos trae a destacar la importancia del modelo de investigación autoetnográfico, ya que coloca a los investigadores en una concientización constante, realizadas por los autores en cuanto a su contribución, influencia y forma de investigación, de acuerdo con Salzman (2002).

Asimismo, dentro de las formas que se encuentran para almacenar experiencias personales y llevarlas al ámbito científico encontramos a la autoetnografía como una herramienta extraordinaria, en donde los autores pasamos a ser parte del estudio, compartiendo así lo que nos ocurre en relación a lo que estudiamos. De esta forma, develando emociones y sentimientos que surgen en la experiencia de desarrollo del estudio, lo cual permite que las personas puedan identificarse con las vivencias por las atraviesa el investigador, o en mi caso, la investigadora.

### **Volviendo al campo: Etnografía Virtual**

En mi corto periodo por la vida académica en Brasil, fui gestando algunas reflexiones que dieron paso a un proceso de concientización y que, quizás, al principio me cuestioné con respecto a la singularidad de donde provinieron. Es decir, el lugar desde donde se estaban elaborando esas nuevas ideas surgidas desde mi experiencia. Ya que creía que eran pensamientos particulares que se daban desde la perspectiva de una mujer migrante peruana en Brasilia y que

podrían pasar desapercibidos. Sin embargo, hoy tengo claro que, como investigadora, las vivencias en el territorio brasilero me han dado mayor conciencia en torno a mi identidad, así como de la búsqueda de conocimiento, de cómo a partir de ello hago parte y comprendo el mundo, una reflexión a la que hace referencia Gil (2008). Por tanto, esta experiencia nos lleva a repensar cómo nos configura para sustentar el sistema en el que vivimos. Esta es, quizás, una de las más grandes confrontaciones al respecto a las que he tenido que encarar al momento de ser consciente de la identidad que carga ser una mujer peruana privilegiada con ascendencia andina y que, a su vez, tiene la oportunidad de ampliar horizontes a través de la educación.

Vale recalcar que, el desarrollo de la empatía como habilidad blanda se debió a los años de experiencia laboral en Perú trabajando con diversas poblaciones. Indirectamente, esto fue preparando terreno para esta mayor toma de consciencia, confrontando lo mencionado anteriormente; no solo frente a una identidad sino también a una manera de ver el mundo de forma consciente con un enfoque de investigación activista (Castillo et al., 2015).

Es por lo dicho anteriormente, que se debe admitir que no se pensó realizar un trabajo virtual con las participantes del estudio. Durante la planificación, me imaginé un escenario donde hubiese tenido que movilizarme de un lado al otro, o de perderme en algún barrio desconocido para mí en Brasilia. Estas actividades me aproximarían a los contextos donde supuse se encontrarían las participantes. Tal como cuando me desempeñaba en la praxis profesional en mi país de origen. Al desarrollarse el estudio por un medio virtual me generó temor, debido a los desafíos que se podrían presentar. Pese a ello, hoy, considero que fue uno de los más grandes aciertos de la investigación ya que no solo permitió la participación de mujeres alrededor de Brasil, sino de mujeres migrantes hispanohablantes que se encuentran en diferentes partes del mundo y que se fueron sumando a lo largo del proyecto.

Esto me trae a la memoria la experiencia personal de Vieira (2020, p. 454) donde hace referencia a la autoetnografía, como el “ejercicio de recuperación de memorias de lo vivido en el estudio, como; los aciertos, las dificultades y errores, como materia prima al servicio de la investigación”. Esto confronta lo que se tenía planeado, con lo que se tuvo que hacer, es decir, las dificultades del desapego de lo pensado en la planificación previa a la crisis sanitaria.

Es así como se iniciaron operaciones a inicios del 2021 con la creación de un perfil del proyecto; así como, la convocatoria por una red social (Facebook) del primer conversatorio que se daría. De esta manera, se dio el primer contacto con mujeres migrantes que podrían ser posibles participantes del proyecto. En este sentido, vale la pena mencionar que, solo en el proceso de difusión, se dio una conversación con una participante que trajo su experiencia personal con respecto a la migración y la sensación de soledad. Su situación me llevó a una identificación más profunda, por lo relatado, y casualmente era la que residía mayor tiempo en Brasil. Lo traído por esta participante acerca de lo que conocía sobre investigación y migrantes, sembró más cuestionamientos sobre cómo había construido mi percepción sobre la Academia.

Lo mencionado por la participante trajo a reflexión lo mencionado por Curiel (2014), quien hace referencia a la antropología y como esta fue por mucho tiempo una práctica hegemónica, donde se estudiaba a los “marginalizados” y a partir de ello se “creaba la ciencia”. De ello, se puede pensar que esa práctica hegemónica tenía un perfil de investigador en el que comprendería a los migrantes como meros “sujetos de estudio”. En esta misma línea, Maffia (2007) enfatiza la importancia de la producción de mujeres (diversas) y sobre mujeres en la ciencia, puesto que su ausencia es un perjuicio en la construcción del conocimiento.

A partir de la epistemología feminista, Cristoffanini et al. (2017) afirma que muchos estudios parten de la subjetivación de los investigadores y el cuestionamiento de desde “donde es

que se crean sus interpretaciones de la ciencia”. Es por ello, que como se mencionó previamente, el estudio no busca una descripción del “otro”, sino de visibilizar vivencias, intereses y preocupaciones de un grupo de personas del cual es perteneciente la autora.

Como se mencionó anteriormente, este estudio nace para resolver la pregunta de ¿qué estrategias de mediación desarrollan mujeres migrantes hispanohablantes en sus contextos de producción y si guardan relación a su expresión de género?, a partir de lo que se mencionará que este estudio. Que, a su vez, ha terminado extendiéndose de una manera abrumadoramente motivadora. Ya que, de un proyecto pasó a ser parte de una actividad diaria. Así pues, este artículo profundiza en el proceso de colecta de datos y revisión de la literatura. Por tal motivo, no se enfocarán los resultados, sino el proceso como tal.

Lo anteriormente mencionado, trae a acotación que al ser un estudio autoetnográfico existieron muchas reflexiones que surgieron a partir de la interacción que tuve con las participantes, en las tres etapas de colecta; la convocatoria, los conversatorios, y los talleres propiamente.

Tal y como se mencionó, la primera etapa en llevarse a cabo fue la convocatoria. Esta se dió al emprender con su ejecución; de forma sencilla, ya que el equipo decidió crear un perfil en una Red Social popular en ese momento (Facebook) en donde se tuvo acceso a los diferentes grupos de migrantes residentes en Brasil que tenían interacción a la través de esta plataforma. De modo que, la labor de convocar pasó de ser una actividad simple a una actividad demandante, ya que cada conversatorio requirió de una publicación en cada grupo al cual se pertenecía. Si bien en un principio se integraban de 15 o 20 grupos, luego se consiguió ser parte de más de 150 grupos. Esto trajo complejidad a la actividad; sin embargo, en medida que creció este proceso de

difusión, también hizo crecer la diversidad en cuanto a las participantes que llegaron a los conversatorios.

Los conversatorios fueron espacios que surgieron a partir de un proceso de creación de un espacio virtual de búsqueda de mujeres que quisieran participar en los talleres. En un principio, se pensó en realizar esto como un piloto para ver la afluencia de participantes a nuestra convocatoria. Grande fue la sorpresa cuando en nuestro formulario se habían inscrito más de veinte mujeres y solo llegaron dos participantes. Debo confesar que eso me preocupó en demasía; sin embargo, el conversatorio fue un éxito.

A partir de estas actividades he percibido que en los encuentros siempre hay alguna participante que necesita ser escuchada y usualmente las demás participantes enfocan su atención ante el tema propuesto por ella. Esto ha llegado a darse de forma orgánica, sin forzar la interacción entre ellas. Los espacios de conversación tomaron vida propia. Así, todas las contribuciones de las participantes (tanto de las que siempre asistían, de las que asistieron una vez, las que no encendían su cámara o solo nos escribían por el chat de la ventana por la cual nos comunicábamos) fueron dándole forma a los temas a tratar en la investigación. En un principio existía un nerviosismo de tener alguna dinámica lista para realizarse en el espacio; sin embargo, al avanzar el proyecto fuimos tomando mayor expertis sobre ello, el espacio se volvió en un lugar libre donde mujeres compartieron experiencias sobre sus vivencias diarias en un contexto pandémico fuera de su país de origen. Tomando así, espacios que estuvieron pensados para que sean de máximo una hora ver cómo se convirtieron en conversaciones amenas de dos horas, donde la premisa siempre fue tratarnos con empatía y respeto.

Dentro del contexto de los conversatorios conocimos a las que serían nuestras participantes de los talleres, mujeres a las que les tengo mucha estima por haber estado casi

desde que se inició el proyecto y que, además, se mostraron dispuestas a apoyarnos en el estudio. Estas cinco mujeres participaron del taller, de esta forma inició el proceso de adhesión de manera muy natural. Las cuales participaron activamente en el proceso de colecta de datos.

Asimismo, cabe resaltar la estructura de la colecta de datos y cómo se dió en tres espacios, a lo largo de tres semanas (una reunión por semana), que se pueden apreciar en la Tabla 1 que se muestra a continuación.

**Tabla 1**

*Cantidad, contenido, participación y duración de las sesiones de los conversatorios*

N° de sesión	Contenido de la sesión	Participación	Duración
1	Procesos migratorios (tipos y llegada a un nuevo lugar)	Grupal	1 hora 40 minutos
2	Entrevista (Datos socioeconómicos-demográficos)	Individual	50 minutos
3	El trabajo en Brasil (Estrategias de mediación), género y raza.	Grupal	1 hora 40 minutos

Nota: Elaboración propia teniendo en cuenta la planificación de colecta de datos.

Cada sesión grupal tenía un tema en específico. En el caso de la primera sesión, el enfoque estuvo en la sensibilización de las participantes en cuanto a su migración (llegada a Brasil) y sobre el comienzo de su estancia en el nuevo país. En un segundo momento se daba la entrevista, y finalmente la tercera sesión grupal donde se tocaron temas específicos sobre contextos de producción en los que estaban envueltas y su influencia en cuanto a su lengua materna. Las sesiones grupales en un principio fueron pensadas en 90 minutos pero en el

momento de llevarlas a cabo demoramos más o menos dos horas a petición de las participantes. En el caso de las entrevistas ocurrió algo similar, ya que estaban pensadas en espacios de tiempo de 40 minutos, que en algunos casos pasaron a ser 90 minutos por la fluidez de la conversación.

Aquí es importante señalar dos puntos, las entrevistas no se trataba de una ida y vuelta de preguntas y respuestas sino de una conversación entre tres personas que manteníamos contacto meses previos a la entrevista y que, tanto como investigadora, la asistente de la investigación y las participantes compartimos lazos amicales previos. Esta cercanía se creó debido al contacto en los conversatorios en el caso del primer grupo de colecta de datos. Esta interacción creó un vínculo cercano con las participantes de los talleres.

De esta forma, se puede apreciar como la entrevista envuelve una complejidad de relaciones entre el entrevistador y el entrevistado, además del transcriptor, este último en caso lo hubiera. Esta relación influye en la selección de trechos seleccionados, analizados y publicados en el contexto académico. Por lo que se enfatiza que, en este aspecto, la entrevista requiere un considerable trabajo interpretativo.

En este sentido es importante recalcar la labor de la transcritora de los relatos en este estudio, ya que llegado el momento de inicio de este proceso, se dio una sensación de inseguridad en cuanto a la transcripción, debido a cuestionarme quién tendría acceso a los datos, es así que a través de recomendaciones compañeras de grupos feministas en Perú, tuve contacto con quien no solo me daría la confianza sino la certeza que tendría la sensibilidad y conocimiento para transcribir los relatos confidenciales de las sesiones. Debo confesar que el hecho de que perteneciera a grupos feministas, peruana y perteneciente a mi mismo segmento racial, ayudó en la interacción en relación al vínculo de confianza a pesar de sólo conocernos de forma virtual y trabajar de la misma forma.

En cuanto a la Autoetnografía, Calva (2019) la coloca como un enfoque que confronta la forma tradicional de hacer investigación además de la representatividad que le da a los “otros”, considerándola así un acto político que brinda justicia y conciencia social. Esto encamina la idea sobre la “representación” del “otro” o, en este caso, la “otra”. En esta investigación no se pretende hacer una descripción de un llamado “objeto de estudio”, como en muchas ocasiones se suele catalogar a las mujeres migrantes. Se trata de visibilizar los temas relacionados a ellas, desde una mirada de comunidad, que muestra interés y preocupación hacia los temas relevantes para dichas mujeres.

Siguiendo con la revisión de literatura sobre el término Autoetnografía, Blanco (2012) postula que este abordaje parte de una perspectiva epistemológica que se da, desde la particularidad de la percepción sobre los contextos por los cuales tiene que vivir una persona. Ahora bien, en la concepción clásica de Hayano (1982) donde plantea que los investigadores aplicaban la autoetnografía a un grupo social del cual se sentían pertenecientes por diversas razones y que trae en un principio, la diferenciación en cuanto a los textos esencialmente autobiográficos. Al respecto, conviene recalcar que como investigadora y mujer migrante hago parte de la comunidad de mujeres residentes en Brasil.

Este abordaje permite reconocer la subjetividad emotiva y la influencia del investigador dentro de la pesquisa, en vez de no tomarlas en cuenta y asumir que no existen, esto en referencia a los autores Ellis et al. (2011). Así mismo Chang (2007, 2008), planteó que la autoetnografía brinda a la pesquisa muchos beneficios como fortalecer el método de investigación para hacerse de fácil uso, tanto para los académicos como para los lectores. De esta forma, llegando a una comprensión cultural y, a su vez, teniendo el potencial de crear alianzas o puentes entre las diferentes culturas. Dentro de esta metodología se expresan perspectivas personales e

interpersonales, estas traen consigo particularidades tanto culturales como de contexto social. Lo cual denota la diversidad en cuanto a los lugares de construcción de conocimiento, buscando reflejar y visibilizar a diferentes grupos sociales que fueron muchas veces ignorados por la investigación tradicional, Andrade (2016).

Ahora bien, Cummins (2000), en cuanto a la mejora de realidad por parte de los migrantes, comenta que esta demanda se puede interpretar desde muchos aspectos económicos, sociales, políticos, educativos, entre otros. Así mismo se debe tener en cuenta que cuando se habla de calidad de vida existen criterios mínimos; pero no determinantes, en cuanto al concepto ya que este pasa por la subjetividad de cada individuo. De esta forma, Cristoffanini et al. (2017), nos señala la importancia de la contextualización a partir de las experiencias que viven las mujeres migrantes, y cómo éstas materializan sus identidades, evidenciando así sus particularidades.

### **Reflexiones finales**

Debo empezar mencionando que el estudio ha pasado la etapa de colecta de datos pero está pendiente aún responder las incógnitas previamente planteadas al iniciar el desarrollo de esta investigación, pese a que no es lo esperado. Esto no debería sorprender ya que en muchas de las investigaciones tanto etnográficas como autoetnografía, ocurren este tipo de situaciones que nos muestran, en el mismo contacto, situaciones en las que debemos abordar un tema o debemos reestructurar el proyecto de investigación. Esta situación no debe desmotivar a que se continúe con la pesquisa.

En relación a la resignificación del estudio cualitativo se puede resaltar el objetivo del abordaje y sus diversas interpretaciones, ya que, para este no existe solo una. Este tipo de

investigación procura tener un análisis y, con este, conseguir el tan anhelado “valor agregado”, para evitar que sólo se informe acerca de los datos y representaciones de diferentes contextos y poblaciones. Además, ayuda a tener presencia creativa ya que identifica y cuestiona conjeturas sobre supuestos subyacentes profundamente arraigados.

Debo resaltar en este punto, el trabajo de equipo que surgió a lo largo del desarrollo del estudio. Esto se dio durante la incorporación de las alumnas de pregrado al grupo de investigación “Relatos de Mujeres Migrantes”. Al darse esta integración, se conformó un equipo de trabajo y el cual hizo que el ejercicio de analizar las estrategias de intervención; así como, el enfrentar el desafío de creación de una comunidad virtual pasarán a ser de forma colectiva.

Dicha “accesibilidad” contrastó con mis experiencias previas en donde se anteponeía frecuentemente la selección de la investigación cuantitativa debido a que se percibía como “de menor complejidad”. Esto me dio una nueva visión de cómo era observada la línea de investigación cualitativa en los programas de posgrado con los cuales se había tenido contacto en Brasil. De esta forma, poder percibir la riqueza que nos trae esta línea investigativa a través de su flexibilidad de adaptación a lo que se desea estudiar; así como, la libertad de incorporar a otros, creando grupos de investigación para un mayor soporte al desarrollo del estudio.

Dentro del universo que nos ofrece la metodología cualitativa, no puedo dejar de traer la reflexión de Calva (2019) acerca de la autoetnografía y como esta va más allá de los escritos académicos, dando paso a la emoción que pueden generar los textos como fruto de la investigación. En definitiva, haciendo que el desarrollo del estudio evolucionara de los textos a la praxis. Es decir, pasar de una investigación quieta a una que ha tomado vida propia a través de la interacción de las participantes y de nosotras mismas. Por lo que, el proyecto ha pasado del espacio físico al espacio virtual en el cual podemos convivir una vez por semana. Esto me trae

recuerdos de una conversación con las alumnas asistentes de la investigación, en donde se comenta el caso de una de las participantes la cual refería sentirse sola, en una forma espontánea me quedé pensando y dije en voz alta “cómo podemos estar solas, si somos muchas en el mundo”, haciendo referencia a que existe un número enorme de mujeres migrantes internacionales en el mundo.

Lo anterior mencionado me lleva a la siguiente idea de comunidad, de visibilizar no sólo los problemas de las mujeres migrantes como “objetos de estudio” sino visibilizarse ante otras mujeres para que existan redes de contacto entre ellas. Esto no hace mención a que deba ser obligatorio, pero una red de soporte de ese tipo, en mi humilde opinión, brindaría un sentido de identificación y pertenencia a esta comunidad de mujeres migrantes en Brasil.

Algo a recalcar es que el estudio trae acotación la realidad de este grupo de mujeres, por lo que los conversatorios eran abiertos para todas las mujeres migrantes que desearan participar. Sin embargo, cabe resaltar que las mujeres que realizaron contacto con el proyecto requerían tener como mínimo un dispositivo electrónico así como una conexión a internet. Es decir, las participantes con las que se tuvo contacto contaban con ciertos privilegios. Por lo que, tenemos claro que existe otro grupo de mujeres que se encuentra en un estado de riesgos psicosociales, pobreza, violencia y, que muchas veces, pasan por estas experiencias de forma solitaria y aislada. Dicho lo anterior, soy consciente que el proyecto tiene un perfil de participantes de mujer migrante hispanohablante que goza de algunos privilegios digitales. Es importante mencionar esto para tener organizado que existe una conciencia frente al perfil y la interseccionalidad que atraviesa a las participantes.

Finalmente, es importante tener en cuenta que el estudio proporciona datos sobre la temática específica abordada durante el contexto de confinamiento social que trajo la pandemia

causada por la propagación mundial del virus SARS-CoV-2 (Covid - 19). Así mismo, como la investigación tuvo que transformarse para volvernos actores activos al servicio de las mujeres migrantes que participan activamente de las interacciones virtuales (conversatorios). Y cómo a partir de las interacciones, relaciones establecidas y revisión de literatura han traído nuevas miradas para continuar con futuras interrogantes.

## Referencias

- Adams, T. E., Jones, S. L. H., & Ellis, C. (2015). *Autoethnography. Understanding Qualitative Research*.
- Andrade, C. (2016). *Autoetnografia. Questões aprofundadas de Investigação*. Universidade de Coimbra. Faculdade de Economia/Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.1-7
- Blanco, Mercedes. (2012). *Autoetnografia: una forma narrativa de generación de conocimientos*. *Andamios*, 9(19), 49-74.
- Calva, S. M. B. (2019). *Autoetnografía: Uma metodologia cualitativa (1st ed.)*. México: Universidade Autónoma de Aguascalientes & El Colegio de Sant Luis.
- Castillo, R. A. H., & Aída, R. (2015). *Hacia una antropología socialmente comprometida desde una perspectiva dialógica y feminista*. *PRÁCTICAS OTRAS DE CONOCIMIENTO (s)*, 83.
- Castles, S. (2000). *International migration at the beginning of the twenty - first century: Global trends and issues*. *International Social Science Journal*, 52(165), 269-281.
- Chang, H. (2007). *Autoethnography: Raising cultural consciousness of self and others*. In *Methodological developments in ethnography* (pp. 207-221). Emerald Group Publishing Limited.
- Chang, H. (2008). *Autoethnography as method*. Walnut Creek, Calif.: Left Coast.
- Coutinho, C. P. (2014). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: A Imedina.
- Creswell, J. W. (1998). *Qualitative inquiry and research design: Choosing among five traditions*. London: Sage.

- Cristoffanini, M. T., & Hernández, P. C. (2017). Desde las epistemologías feministas a los feminismos decoloniales: Aportes a los estudios sobre migraciones. *Athenea digital*, 17(1), 145-162.
- Cummins, R., 2000, "Objective and subjective quality of life: An interactive model". *Social Indicators Research*, 52, 55-72. Netherlands. Disponible en <http://www.springerlink.com/content/v44770mp56100r51/fulltext.pdf>
- Curiel, O. (2014). Género, raza, sexualidad: debates contemporáneos. Colombia: Universidad del Rosario. Disponible en [http://www.urosario.edu.co/urosario\\_files/1f1f1d1951-0f7e-43ff-819f-dd05e5fed03c.pdf](http://www.urosario.edu.co/urosario_files/1f1f1d1951-0f7e-43ff-819f-dd05e5fed03c.pdf) [28 de enero de 2015].
- Derechos Humanos (1948). Declaración Universal de los Derechos Humanos. La Convención Internacional de los Derechos del Niño. Naciones Unidas. Declaración sobre la Protección de todas las personas contra la tortura.
- Dutra, D. (2012). Mulheres migrantes peruanas em Brasília. O trabalho doméstico e a produção do espaço na cidade. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 20(39).
- Eakin, J. M. (2016). Educating Critical Qualitative Health Researchers in the Land of the randomized Controlled Trial. *Qualitative Inquiry*, 22(2) 107-118. DOI:10.1177/1077800415617207 [qix.sagepub.com](http://qix.sagepub.com)
- Ellis, C., Adams, T. E., & Bochner, A. P. (2011). Autoethnography: an overview. *Historical Social Research/Historische Sozialforschung*, 273-290.
- Ferreira, M. C., Mendes A. M. (2003) Trabalho e Riscos de adoecimento: O Caso dos Auditores-fiscais da Previdencia Social Brasileiras (pp.43-52). Brasilia : Ler, Pensar, Agir.
- Gil, A. C. (2008). Métodos e técnicas de Pesquisa Social (6th ed.). São Paulo: Atlas

- Guber, R. (2019). *La etnografía: método, campo y reflexividad*. Siglo XXI editores.
- Guerrero Bejarano, M. A. (2016). *La investigación cualitativa*. *INNOVA Research Journal*, 1(2), 1-9. <https://doi.org/10.33890/innova.v1.n2.2016.7>
- Hayano, D. (1982), *Poker faces: The life and work of professional card players*, Berkeley: University of California Press.
- Hine, C. (2011). *Etnografía virtual*. Editorial uoc.
- Jacob, E. (1987). *The traditions of qualitative research: A Review*. *Review of Educational Research*, 51, 1-50
- Maffia, D. (2007) *Epistemología feminista: La subversión semiótica de las mujeres en la ciencia*. *Revista Venezolana de Estudios de la Mujer* [online]. vol.12, n.28, pp.63-98. ISSN 1316-3701.
- Marshall, C., & Rossman, G. B. (2011) *Qualitative research genres*. In *Designing Qualitative Research* (pp. 17-38). Thousand Oaks: SAGE.
- OIM (2009). *Organização Internacional Para As Migrações (Ed.). Direito Internacional da Migração: Glossário sobre migração*. 22. ed. Genebra: Organização Internacional Para As Migrações, Suíça. 92 P. (SSN2075-2687). Disponível em:<<http://publications.iom.int/system/files/pdf/iml22.pdf>>. Acesso em 29 de abril de 2018.
- Packer, M. (2011). *The qualitative research interview*. In *The science of qualitative research* (pp. 42-56). New York: Cambridge University Press.
- Patton, M. (2002). *Qualitative research & evaluation methods*. London: Sage.
- SALZMAN, Philip Carl (2002). "On reflexivity". *American Anthropologist*, vol. 104, núm. 3, pp. 805 a 813.

Santi, M. F. (2015). Vulnerabilidad y ética de la investigación social: perspectivas actuales.

*Revista Latinoamericana de Bioética*, 15(2), 52-73.

Vieira, P. D. B. (2020). Autoetnografia: A construção da identidade de uma interventora social.

*New Trends in Qualitative Research*, 4, 451-460.

*“Por último, quédate tranquila,  
pues siendo tu decisión el mayor error o acierto,  
sabes que valdrá la pena.  
Arriesgarte por tus sueños  
y aprenderás de esto.”- Jennifer*

**MANUSCRITO II**

## **Conversatórios Virtuais de Mulheres Migrantes Hispano-Falantes:**

### **Uma Experiência de Pesquisa-Intervenção**

#### **Resumo**

O processo que vive uma pesquisadora quando começa o trabalho, nos tempos atuais, em relação à migração externa traz uma série de questões, como o aumento diário do número de migrantes, o papel das mulheres migrantes, o confinamento pela pandemia por covid-19 e diversas outras implicações. Nesse sentido, o artigo tem como objetivo contribuir com as experiências vividas na criação de um espaço virtual (Comunidade virtual) dirigido por mulheres e destinado para mulheres migrantes hispano-falantes residentes no Brasil. Através de um enfoque metodológico da pesquisa-intervenção, com uma abordagem etnográfica virtual, por se tratar de um espaço coletivo construído entre as pesquisadoras e as participantes (mulheres hispanofalantes residentes no Brasil) essa experiência que chamamos de conversatórios permitiu acessar relatos e vivências que outras dinâmicas roteirizadas e com interação restrita a poucos encontros não acessaram. Entre os resultados achados foi possível afirmar, que os conversatórios cumpriram mais do que o simples objetivo de desenvolver a familiaridade e o vínculo, concluindo assim que serviram de incentivo para uma mudança de posição da equipe acerca das participantes, dando como resultado um compromisso de horizontalidade entre pesquisadoras e participantes, vistas como mais do que simples sujeitos de pesquisa e se vendo como uma comunidade de mulheres.

*Palavras-chave:* mulheres migrantes, mulher hispanofalante, etnografia virtual, comunidade virtual

## Resumen

El proceso por el que atraviesa una investigadora cuando inicia su trabajo, en los tiempos actuales, en relación a las migraciones externas plantea una serie de interrogantes, como el aumento diario del número de migrantes, el rol de la mujer migrante, el confinamiento por la pandemia de covid-19 y varias otras implicaciones. En este sentido, el artículo pretende contribuir a las experiencias vividas en la creación de un espacio virtual (Comunidad Virtual) dirigido por mujeres y destinado a mujeres migrantes hispanohablantes residentes en Brasil. A través de un enfoque metodológico de investigación-intervención, con un enfoque etnográfico virtual, por tratarse de un espacio colectivo construido entre las investigadoras y las participantes (mujeres hispanohablantes residentes en Brasil), esta experiencia que denominamos conversatorios permitió acceder a relatos y experiencias que otras dinámicas guiadas y con interacción restringida a unos pocos encuentros no accedieron. Entre los resultados encontrados, se pudo afirmar que los conversatorios cumplieron más que el simple objetivo de desarrollar familiaridad y vínculo, concluyendo así que sirvieron como incentivo para un cambio de mirada del equipo con respecto a las participantes, dando como resultado un compromiso horizontal entre los investigadores. y participantes, vistos como algo más que sujetos de investigación y viéndose a sí mismas como una comunidad de mujeres.

Palabras clave: mujeres migrantes, mujeres hispanohablantes, etnografía, comunidad virtual

*Palabras-claves:* mujeres migrantes, mujer hispanohablante, etnografía, comunidad virtual

## Introdução

O processo e a experiência migratória são temas bastante amplos, que podem ser abordados a partir de diferentes focos e incitar uma variedade de discussões e debates. O próprio significado da palavra *migrante* é passível de discussão, uma vez que não se tem um conceito unificado e tido como oficial. Dessa forma, para fins de introdução e em um esforço de simplificação, parte-se, no presente trabalho, da conceituação geral de *migrante internacional* enquanto termo que descreve uma pessoa que sai de seu país por diversas motivações pessoais ou familiares (International Organization for Migration, 2020).

O *Glossário sobre Migração*, documento desenvolvido e publicado pela Organização Internacional para as Migrações (2009), define migrante da seguinte maneira: “pessoas e membros da família que se deslocam para outro país ou região a fim de melhorar as suas condições materiais, sociais e as suas possibilidades e as das suas famílias” (p. 43). Entretanto, a leitura dos demais verbetes do glossário permite a verificar a grande diversidade da experiência migratória, uma vez que o material apresenta uma série de complementos possíveis que podem acompanhar a palavra migrante e que especificam aspectos dessa vivência para o indivíduo ou grupo ao qual se refere. No projeto descrito no presente artigo, um enfoque é dado especificamente a casos de migrantes internacionais, ou seja, cujo processo migratório envolve a mudança para um país diferente daquele em que nasceu, conforme será descrito de forma mais detalhada mais adiante.

A partir da compreensão sobre a complexidade da experiência de ser migrante, entende-se que a interdisciplinaridade é uma ferramenta crucial na construção de um arcabouço que permita uma compreensão mais abrangente da experiência migratória. Nesse sentido, é essencial que o pesquisador assuma um posicionamento crítico que o permita estabelecer uma

relação entre os fenômenos econômicos e geopolíticos e os seus desdobramentos na forma de vivências de sofrimento e de violências por parte de determinadas populações, como os migrantes (Castles, 2000). Considera-se, portanto, de fundamental importância que a manutenção de fatores sociais e históricos relacionados ao desenvolvimento e imposição do modo de produção capitalista e globalizado sejam considerados como elementos de análise, postula Mendes (2007).

Acerca dos fatores sociais, Federici (2017), reúne uma série de argumentos que abordam a função social desempenhada pela construção de diferenças como as de gênero, raça e classe. Estes três determinantes, por sua vez, estão intimamente relacionados à experiência migratória, desde sua motivação até as vivências observadas em seu decorrer. Na mesma linha, no que concerne à análise da influência dos papéis de gênero, destacam-se as críticas de Sassen (2003), que enfatiza o papel das trabalhadoras migrantes na economia global, bem como a precarização de sua inserção no mercado laboral.

Conforme mencionado, uma das principais razões pelas quais indivíduos e famílias iniciam processos migratórios é a busca pela melhoria das condições de vida e subsistência. Rentería-Pedraza (2019), explica que a melhora da qualidade de vida constitui uma diversidade dentro do mesmo conceito, na mesma lógica Cummins (2000) acrescenta que o objetivo seria a busca por uma boa e feliz vida.

A própria falta de oportunidades econômicas, ecológicas, políticas, de pressão demográfica e culturais na terra natal podem constituir uma razão que motivem o processo migratório, argumenta Díaz (2007). Do mesmo modo, a busca por trabalho no destino da migração para o sustento da família cria expectativas para os migrantes e podem constituir uma

das principais fontes de dificuldade e sofrimento. Essas são apenas algumas situações que ilustram a intrincada relação entre migração e trabalho na pesquisa de Dutra (2012).

Tendo como contexto para a realização deste trabalho a produção acadêmica na área de psicodinâmica do trabalho feminino, parte-se aqui de um de seus princípios motivadores e fundadores: o preenchimento de uma lacuna com relação à produção acadêmica em torno da experiência laboral feminina. Tal lacuna foi verificada e explicitada por Hirata (2016) e Antloga et al. (2020) numa revisão de literatura na área de psicodinâmica do trabalho, em que se chegou à conclusão de que a experiência feminina no trabalho e suas especificidades estão sub-representadas no escopo da área de investigação.

Partindo desse ponto, propomos a seguinte reflexão: se a investigação da experiência laboral feminina em geral é escassa, o que esperar da produção de conhecimento acerca da vivência de mulheres migrantes no trabalho em seu país de destino?

Tendo em vista a compreensão desses fatores, surge o projeto “Relatos de Mujeres Migrantes”. Este foi fundado por estudantes de graduação e de pós-graduação do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, mais especificamente no contexto do grupo de pesquisa Psitrafem (Psicodinâmica do Trabalho Feminino). Dando vida ao projeto, que nasceu dentro do cenário da crise sanitária produzida pelo covid-19, o projeto de estudo, pesquisa e ação apresentado tem como foco específico o estudo das estratégias de mediação desenvolvidas por mulheres migrantes hispano-falantes no trabalho em diversos contextos de produção no Brasil, como tema central. A proposta de trabalho, surgida no contexto do grupo de pesquisa, é produzir conhecimento visando o estudo das narrativas das mulheres migrantes hispano-falantes em espaços virtuais.

Assim, o presente artigo objetiva descrever e analisar a experiência de pesquisa-intervenção com mulheres migrantes hispano-falantes no Brasil. O ponto central de análise são os “conversatórios”, termo designado para denominar as rodas de conversa *online* conduzidas com mulheres migrantes de fala hispana. A seguir, são descritos e discutidos os aspectos fundamentais destes encontros, desde sua idealização até a preparação e condução propriamente dita.

### **Método**

Quanto à formulação metodológica, explicitamos, inicialmente, os caminhos que conformaram a escolha pela realização de uma pesquisa qualitativa e pela abordagem etnográfica como guia de ações. Nesse sentido, considera-se a reflexão de Pistrang e Barker (2012) sobre a pesquisa qualitativa que levou à delimitação de uma abordagem útil para enxergar sentidos pessoais de um fenômeno particular. Este tipo de estudo permite aos participantes liberdade em relação à sua linguagem e expressão, dessa forma questionando o poder do pesquisador sobre os participantes.

Assim, Eakin (2016) assinala que a pesquisa qualitativa crítica busca uma abordagem com diversas interpretações, já que esse tipo de pesquisa procura ter uma análise e, com isso, conseguir um valor agregado, para ter uma abordagem que evite só falar de dados e representações de diferentes contextos e populações. E ajude, além disso, a ter presença criativa, já que identifica e questiona supor nas suposições subjacentes profundamente enraizadas, no lugar de meramente catalogar representações pré-concebidas de um mundo ‘real’, externo. A presença criativa do pesquisador é ampliada e a abstração teórica é usada como estratégia metodológica chave.

Dentro do método qualitativo, o estudo se situa na etnografia, mais especificamente na etnografia crítica feminista descrita por Gil (2019), abordagem que permitiu dar visibilidade a populações vulneráveis e excluídas, tornando-se uma ferramenta política, capaz de fomentar transformações sociais. Nesse sentido, Bejarano (2016) defende que, a partir da adaptabilidade do método, os pesquisadores têm liberdade e flexibilidade em suas intervenções, o que permite ver as vantagens desse método em relação a outros.

É preciso também pontuar as considerações de Guber (2019) sobre o enfoque etnográfico, onde, para contribuir com a construção do campo de novos conhecimentos, aponta para a busca de vínculos entre a literatura e os estudos. A escolha pela abordagem mais participativa nos leva a considerar dois tipos de pesquisa: a pesquisa intervenção e a pesquisa ação, cujas características serão brevemente desenvolvidas a seguir.

A princípio, Rocha e Aguiar (2003) recapitulam e ressaltam a tendência latino-americana pela escolha da pesquisa-ação nas décadas mais recentes, uma vez que esta permite, por seu processo de formulação e pelo seu desenrolar, a ruptura com os enfoques tradicionais da racionalidade científica e da modernidade (baseados em paradigmas eurocêntricos). Seguimos essa tendência por também compreender a pesquisa-ação crítica como pertinente para projetos emancipatórios e participação social efetiva.

A tônica da pesquisa-intervenção é criticar a prática positivista de pesquisa que cinde os duos teoria e prática, sujeitos e objetos, proporcionando uma mudança imediata da ação instituída hegemonicamente para aquela população como uma consequência da produção de outra relação entre os duos, o que ocorre através do espaço e das relações criadas pela e para a pesquisa.

Certamente, como afirmam Costa e Lordello (2021) a partir da literatura, a pesquisa-ação e a pesquisa-intervenção ajudam o pesquisador no desenvolvimento do estudo, assim como nas formas de atuação e na busca por formulação de políticas públicas que contribuam com os problemas enfrentados por aquela comunidade. Dentro das tênues diferenças, pode-se afirmar que a pesquisa-intervenção parte de uma demanda social por ações faltantes de uma problemática contextual, propondo soluções. A pesquisa-ação, por outro lado, enfatiza os resultados dos projetos de mudança das problemáticas sociais, tendo como objetivo propor soluções para as problemáticas encontradas.

Nesse sentido, conceitua-se o instrumento da pesquisa-intervenção como uma intervenção que atua na dimensão da micropolítica do cotidiano e que, por isso, inaugura desdobramentos e possibilidades na experiência social enquanto macropolítica. Por este motivo, a pesquisa-intervenção é mais do que um ordenamento procedimental rigidamente composto ou conjunto de técnicas mais tradicionais de pesquisa, é sobretudo uma atitude de pesquisa, uma postura, proveniente da abordagem da pesquisa-ação (Rocha e Aguiar, 2003).

Portanto, essa atitude de pesquisa é centrada no agir e se constitui como uma metodologia participativa, proporcionando a pesquisadores e participantes a coautoria do processo de diagnóstico das problemáticas e de construção de vias resolutivas. Dessa forma, é uma estratégia contra hegemônica de construção de saberes. É fundamental que o conhecimento construído através do espaço da pesquisa-intervenção esteja acessível de forma permanente para todos os envolvidos e possa se tornar um instrumento para a melhoria da vida dos sujeitos daquela coletividade, ao oportunizar o florescimento de um projeto de transformação e tomada de consciência através das possibilidades criadas no cotidiano pela ação da pesquisa. A

desarticulação de discursos e práticas opressivas através dos desdobramentos da ação da pesquisa é o horizonte almejado (Rocha e Aguiar, 2003).

Em suma, a etnografia é uma abordagem metodológica que pode possibilitar a descoberta genuína da alteridade e, como postulado por Nunes e Torrenté (2013), facilitar o estabelecimento de vínculo com o grupo/coletividade pesquisado, tratando cada sujeito como uma interlocutora e não somente uma informante. Dessa forma, um encontro etnográfico pautado por uma relação dialógica é construído. A modalidade virtual se tornou um desdobramento do contexto pandêmico e nos possibilitou a expansão de público e a possibilidade de conexão com mulheres em diversos territórios, observando-se, evidentemente, as limitações de acesso e abrangência que essa modalidade impõe.

A etnografia virtual, dessa forma, mostrou-se pertinente aos propósitos do estudo, já que é uma abordagem adaptável a espaços virtuais onde se deram os conversatórios. Embora útil no caso em questão, não se pode perder de vista que o análises teria carga parcial, o qual se sustenta na ausência de “realidade estrita” (Hine, 2011, p.82) pela falta de espaço físico.

Acreditamos que o conversatório se constitui como uma pesquisa-intervenção por se tratar de um espaço coletivo construído entre as pesquisadoras e as participantes, que propiciou a produção de um novo fazer ciência para todas as envolvidas. Essa prática possibilita a emergência de uma perspectiva crítica para as estudantes em formação ao mesmo tempo em que conforma novas bases de ação e atuação dentro da instituição em que ocorre (Universidade de Brasília – UnB). Além disso, possibilita movimentos de tomada de consciência e construção de redes de apoio no cotidiano dessas mulheres, como postulam Rocha e Aguiar (2003).

É importante ter em conta o que foi apontado até aqui sobre a metodologia e o posicionamento nas pesquisadoras frente ao processo da criação do projeto “Relatos de Mulheres Migrantes” e seu desenvolvimento. Dito isso, pode-se começar a apresentar o projeto como tal.

### **Os Conversatórios na Prática**

A idealização do trabalho de mestrado teve início nos primeiros meses do ano de 2020, no princípio da Pandemia de covid-19. Os planos iniciais precisaram passar por um extenso trabalho de revisão e reformulação, tendo em vista a necessidade de adaptação do trabalho às novas condições impostas pela crise sanitária. Para além da impossibilidade de realização de encontros presenciais entre a equipe de pesquisa, o principal impacto percebido foi sobre a coleta de dados, que foi idealizada inicialmente no formato de oficinas etnográficas com a participação presencial de mulheres migrantes hispano-falantes residentes no Distrito Federal. Logo, iniciaram-se reformulações e a busca por novos caminhos, e o grupo começou a trabalhar no planejamento de oficinas online.

Um dos primeiros passos foi a criação de uma página para o projeto em uma rede social como estratégia para alcançar o público-alvo e reunir potenciais participantes para as atividades de coleta de dados. Como forma de difusão da página, foi feita a inserção do perfil do projeto em diversos grupos, que são parte de um recurso oferecido pela plataforma para a formação de comunidades virtuais com base em interesses e características comuns. Os grupos nos quais nos inserimos, especificamente, reuniam migrantes de diferentes países de fala hispana, principalmente da América Latina, e com residência em diversos locais do Brasil. Além da divulgação e convite aos encontros, a presença na plataforma de mídia social também permitiu a interação da equipe com outros projetos e grupos também direcionados ao público de mulheres

migrantes e migrantes em geral, o compartilhamento dos registros das atividades do projeto e a abertura de um espaço para o retorno das participantes sobre como se sentiram em seu contato com o projeto.

A identidade visual e os materiais de divulgação dos encontros foram produzidos pela própria equipe de pesquisadoras em plataformas online de design digital. Ao longo de cada semana antecedente a um encontro, era feita a postagem do material produzido em espanhol e contendo o nome do projeto, como pode-se na Figura 1, além de uma breve descrição e o convite ao encontro direcionado ao público de mulheres migrantes hispano-falantes, incluindo a data e a hora em que ocorreria. A divulgação contava com o link de um formulário de inscrição que poderia ser acessado por aquelas que se interessassem em participar das atividades.

### Figura 1

*Primeiro material de postagem nas redes sociais.*



Nota: Material criado pela equipe de Relatos de mulheres migrantes. Começo do desenvolvimento da identidade visual.

O formulário de inscrição deveria ser preenchido com algumas informações básicas: nome completo; idade; estado civil; país de origem e de residência (caso fosse o Brasil, Estado de residência); tempo aproximado de residência nesse local; e um endereço de e-mail para contato. Foram incluídas também perguntas sobre nível de escolaridade e situação de trabalho, tanto anteriormente no país de origem quanto no destino de migração. Além disso, as participantes poderiam preencher campos com sugestões de temáticas que gostariam que circulassem pelos encontros e relatos escritos de experiências relacionadas a seu(s) processo(s) migratório(s).

O formulário contava, ainda, com um termo de consentimento para uso de dados e/ou imagem (as participantes poderiam discordar totalmente, concordar apenas com o uso dos dados ou concordar tanto com o uso dos dados quanto de imagens). A obtenção do consentimento constitui uma etapa fundamental para a análise dos dados reunidos pelo formulário, para o uso das imagens produzidas nos conversatórios em eventuais materiais de divulgação e para a promoção e manutenção do espaço virtual seguro.

Preenchido o formulário, as participantes recebiam via e-mail uma mensagem de boas-vindas ao projeto com as informações sobre o encontro para o qual estavam inscritas, o link de acesso à videochamada e algumas instruções sobre o uso da plataforma. A equipe se colocava à disposição para o fornecimento de qualquer apoio em caso de dúvidas ou dificuldades de acesso.

Ao acessar o link, as participantes entravam em uma “sala de espera” pela autorização da equipe do projeto para ingressarem na chamada. Esse recurso disponibilizado pela plataforma em que ocorriam os encontros permitia que fosse feita uma verificação da identidade de todas as

interessantes na chamada, reduzindo as chances de eventuais invasões por parte de homens ou quaisquer pessoas que tivessem o objetivo de causar dano àquele espaço.

Deve-se precisar que a dinâmica dos conversatórios variou ao longo dos 12 meses de ocorrência dos encontros, já que no começo a dinâmica era mais orientadora – este foi um elemento sujeito a expressivas variações. Uma discussão mais detalhada a respeito das diferentes configurações assumidas pelos encontros será feita na seção de discussão do presente artigo. Entretanto, um aspecto praticamente constante ao longo de todos os encontros foi a aplicação de um protocolo de recepção e apresentação do projeto às novas participantes. Ou seja, sempre que uma participante fosse recebida pela primeira vez em um encontro, era feita uma breve apresentação sobre o projeto, suas origens e seus objetivos, bem como das componentes da equipe e das demais participantes presentes. Em seguida, como uma das práticas habituais de recepção no conversatório, começávamos com uma pergunta que pudesse dar um tema comum para as participantes de cada encontro, entre as perguntas que se fizeram estiveram; “Qual é sua lembrança mais engraçada”, “Qual e a comida que gosta mais do seu país de origem”, “Qual foi a diferença cultural mais chocante que você percebeu”, entre outras no mesmo sentido.

Um processo de trabalho implementado ao longo do período de ocorrência dos conversatórios foi a realização de breves reuniões da equipe ao final de cada um dos encontros. Essas reuniões, que duravam entre 15 e 20 minutos, eram gravadas e tinham como objetivo produzir um registro das dinâmicas em curso, dos principais tópicos de discussão e das percepções da equipe em relação ao encontro. Tal estratégia, que pode ser entendida como uma espécie de diário de campo em formato de vídeo Hine (2011), possibilitou a produção de um volume significativo de registros em relação a cada um dos conversatórios, como uma alternativa mais rápida e prática à elaboração de relatórios escritos.

Além de constituírem um importante banco de dados que pode dar origem a futuros trabalhos de análise, tal formato de registro chamou a atenção por permitir, através da oralidade e da espontaneidade, expressões mais livres das percepções das pesquisadoras. Esse espaço se revelou, portanto, além de um mecanismo de registro, um importante espaço de circulação de discursos e produção de sentidos, os quais vieram a orientar as ações futuras do projeto de diversas formas.

Quanto à extensão da comunidade criada e do público alcançado, contamos com 22 participantes regulares que comparecem com maior constância e um total de 283 inscritas, em 37 conversatórios realizados. Ressaltamos que dentre o número de inscritas, muitas participantes compareceram a apenas um encontro e não puderam prosseguir por motivos diversos, por isso delineamos essa distinção marcada por assiduidade e constância na participação.

**Tabela 2**

*Participantes e Inscrições nos “Conversatórios”*

Quantidade de registros	Atividades do projeto	Tipo de participação	Frequência de participante
18	Formulário de Relatos de experiência migratória. (Fixado no perfil do Projeto)	Individual	Uma vez por participante
283	Inscrições dos formulários de participação aos conversatorios	Individual	Uma vez por participante
37	Conversatórios	Grupal	Uma vez por semana

*Nota:* Elaboração própria tendo em conta a dinâmica de participação do projeto.

Finalmente, quanto ao espaço virtual utilizado para o estúdio, passando também por variações, já que no começo do projeto se utilizou uma plataforma digital para ligações (Jitsi Meet) “livres” e gratuitas. Ao longo do processo, percebemos que essa plataforma não dava a segurança dos dados e garantia de privacidade necessárias. Optou-se, então, pela assinatura paga do programa Zoom, que garantia funcionalidades de proteção de dados das participantes.

## **Resultados e Discussão**

Tendo em vista as determinações e condição social impostas às mulheres, como ressaltado anteriormente, e as especificidades e confluência de fatores que podem constituir um processo migratório em toda sua complexidade (Castles, 2000), a escolha metodológica se caracterizou como uma postura repleta de intencionalidade, por contextualizar as condições materiais que definem as vivências das pessoas e por compreender os possíveis ecos e efeitos da pesquisa e da participação (Costa e Lordello, 2021).

A escolha pela interdisciplinaridade e a consequente utilização da técnica de investigação proveniente da antropologia na estruturação metodológica dos conversatórios se deu tomando como base as reflexões e propostas de Spink, et al. (2014) e Kosminsky (2007). No primeiro trabalho, os autores reforçam como as oficinas podem ser “ferramentas ético-políticas privilegiadas” e estratégicas ao propiciarem a criação de espaços dialógicos e de trocas simbólicas, oportunizando a construção de novas perspectivas e compreensões para os participantes sobre a temática trabalhada, fusionando, dessa forma, a coleta e a criação de informações e elaborações em um mesmo momento. Já Kosminsky (2007) defende a etnografia feminista como delineamento de pesquisa que abrange as considerações epistemológicas do

conhecimento feminista articulado às técnicas antropológicas, permitindo a superação do positivismo universalizante que influencia as ciências sociais e psicológicas.

Dessa forma, o delineamento metodológico escolhido visou garantir o compromisso ético-político com a população trabalhada, entendendo que: (a) como posto por Martin-Baró (1996), o trabalho do psicólogo deve ser definido em função das circunstâncias concretas da população que atende e ter como horizonte a conscientização, ou seja, a superação da “identidade alienada, pessoal e social, ao transformar as condições opressivas do seu contexto” (p.7); e (b) os conversatórios se aproximam metodologicamente do que Spink et al. (2014) propõem como oficinas, e conseqüentemente das potencialidades elencadas por eles: a construção de um espaço onde o trabalho de pesquisa é simultâneo a uma intervenção terapêutica que focaliza as práticas discursivas e produção de narrativas e sentidos.

Guiadas por essa reflexão, que leva em consideração todos esses aspectos e que unifica os deveres éticos, a responsabilidade e os benefícios que uma pesquisa pode gerar, entendemos que as dinâmicas construídas nos conversatórios oportunizaram o contato com narrativas e trocas de vivências e perspectivas como na pesquisa de Gallardo (2009). Essa reflexão coincide com os achados de Dutra (2012) em relação às narrativas das mulheres migrantes. A partir dos relatos, torna-se possível a produção de sentidos e transformações simbólicas que transmitem discursos institucionalizados e construções histórico-culturais sobre a migração e sobre as pessoas que migram, impactando assim nas produções subjetivas e na construção das identidades dessas pessoas.

Na etnografia virtual (Hine, 2011), o gênero é um aspecto pouco considerado na estruturação do ciberespaço e das interações virtuais, apresentando-se como uma lacuna que precisa ser pesquisada. Na busca por estudos de similar atuação em relação a espaços virtuais

com mulheres migrantes hispano-falantes no Brasil, esta lacuna ficou evidente. Conforme a equipe avançou no processo de inserção nas comunidades virtuais (grupos) de uma rede social, foi possível perceber que elas eram formadas principalmente com base na identificação de nacionalidade e destino de migração em comum.

Entretanto, por se tratar de um trabalho investigativo focado na experiência feminina, foi feita uma busca em uma rede social conhecida por comunidades que tivessem como característica a exclusividade ou a maioria da sua composição por mulheres. O fato de não ter sido encontrada, à época, nenhuma comunidade cuja proposta fosse constituir um espaço seguro e exclusivo para mulheres migrantes foi uma das grandes motivações para o início e a manutenção do trabalho realizado nos conversatórios.

O projeto passou por diversas modificações desde seu início. Os primeiros conversatórios tinham um formato mais estruturado devido ao temor de ausência de interação entre as participantes e com as pessoas a cargo do espaço virtual. Além disso, foram implementadas reuniões prévias ao conversatório, iniciadas 15 minutos antes de seu início, para organizar a estrutura dos encontros. Mostrou-se necessário também pensar em estratégias para reagir a situações ditas “complexas”, em especial a possibilidade de violência digital contra as mulheres, como, por exemplo, a interrupção dos encontros pela presença de perfis falsos utilizados por homens para irromper na sala virtual que estava sendo utilizada (Comisión de Derechos Humanos de la Ciudad de México, 2021). Uma das estratégias criadas para prevenir possíveis violências virtuais de gênero foi a exigência de preenchimento de um formulário virtual no momento da inscrição como condição para participar dos conversatórios.

Desta forma, a equipe buscava se manter preparada diante de imprevistos. Ao mesmo tempo, percebeu-se a necessidade de que a prática pudesse se dar de forma mais espontânea.

Entendemos que a dinâmica dos conversatórios também nos envolvia e, assim, os encontros passam a ser conversações orgânicas, onde as participantes tocavam em diversos temas em relação ao que as estava afetando no momento, como documentações, tratos injustos, saudade da família, e muitos outros tantos assuntos.

Esse achado empírico possibilitou ao grupo reflexões acerca do compromisso ético-político e da metodologia que acreditava-se estar sendo desenvolvida/aplicada. Spink et al. (2014) ressaltam que cada grupo gestado num contexto de pesquisa qualitativa é único e produz uma dinâmica própria, de forma que os pesquisadores acabam captando e apreendendo os fenômenos em um ritmo outro e não simultâneo ao acontecimento dos encontros, algo que acreditamos se assemelhar a uma percepção retroativa. Por isso, concretiza-se e nomeia-se o ocorrido na trajetória dos conversatórios até o presente momento através desse relato de experiência, Blanco (2012), compreendendo que nossas percepções e conclusões acerca da temática pesquisada e da metodologia podem se aprofundar, complexificar e se transformar, uma vez que há continuidade no trabalho realizado e os conversatórios seguem ocorrendo.

### **Experiências e Percepções como Pesquisadoras**

A criação do espaço aqui descrito foi motivada pela constatação da ausência de espaços virtuais exclusivos para mulheres, conforme descrito acima. Percebemos a procura por participar de comunidades onde as mulheres migrantes pudessem discutir temas que as afetavam ou simplesmente em relação às suas vidas diárias. Dito de outra forma, a participação constante nos 37 conversatórios (participantes novas, antigas e recorrentes) demonstrou a necessidade de espaços para se reunir e compartilhar as diversas situações pelas quais passam diariamente (boas,

ruins, de medo, de coisas que "não se compartilhava" com as famílias delas, entre outros. Da mesma forma, esse espaço transformou-se em um tempo de acolhimento coletivo entre as participantes e a equipe.

Ficou evidente que os encontros produziram impacto também na equipe, e não somente nas participantes. No início do projeto, havia ansiedade entre as pesquisadoras, sentimento que foi sendo reduzido no decorrer do projeto, na medida em que um vínculo foi sendo estabelecido com as participantes, o que se manifestava nas inquietudes diante do questionamento de como proceder em cenários possíveis, assim como os questionamentos da literatura e da metodologia que a equipe tinha em constante discussão. Dentro dessas variações, havia uma introspecção tanto a nível pessoal como da equipe da atuação no projeto.

Assim também, notou-se que, gradualmente, as participantes foram se tornando integrantes ativas que não somente estavam nos conversatórios semanalmente, mas também se identificavam com o trabalho realizado pela equipe, acolhiam as novas participantes e construíam redes que iam muito além dos encontros semanais. Essas mudanças trouxeram de forma progressiva uma dinâmica orgânica para os conversatórios, os quais atualmente não são restritos a um roteiro.

Da mesma forma a equipe e o projeto foi tendo uma identidade tanto na forma de intervenção como na identidade visual que foi se desenvolvendo ao longo do estudo, como se vê na Figura 2 .

## **Figura 2**

*Identidade Visual do Projeto: Relatos de Mujeres Migrantes.*



Nota: A seleção de cores foi feita coletivamente pela equipe, no caso do logotipo é a colaboração com uma artista gráfica familiar de uma membro da equipe.

Analisando retrospectivamente os primeiros encontros e os últimos, prévios ao artigo, nota-se uma gratificante conquista de espaços, vínculos e afetos. Esse lugar foi tomando essa forma na medida que as participantes ficaram envolvidas nas atividades, em cumprir as “promessas” dos conversatorios, de ver que a equipe estava presente para elas. Nesse processo foi inevitável não se sentir parte dessa pequena comunidade virtual que foi criada como parte da

coleta de dados, embora tivesse-se cumprido o propósito, terminou sendo um espaço seguro e necessário.

### **Considerações Finais**

Transformar para conhecer *versus* conhecer para transformar. Buscamos formular uma proposta passível de um resgate de formas de conhecer e agir que não são regidas pela racionalidade científica própria da modernidade e do modo de vida capitalista. No lugar de um conhecimento prévio da comunidade a ser estudada, ou seja, um conhecimento teórico que antecipe a realidade das vivências, propôs-se o caminho inverso: conhecer os participantes em sua realidade, ouvir sobre o que precisam, sobre suas preocupações, seus relatos de experiência, para, a partir disso, começar a pensar em alternativas e estratégias para lidar com os problemas que eles mesmos identificam. No lugar da dicotomia e da hierarquização próprias da racionalidade científica, buscamos tratar as problemáticas como dialéticas e processuais, em movimento, sem linearidade. Por isso, uma metodologia dialética e participativa é a que mais se aproxima de uma apreensão do movimento do real.

É possível afirmar que os conversatórios atuais cumpriram mais do que o simples objetivo de desenvolver a familiaridade e vínculo. Eles serviram de incentivo para uma mudança da equipe acerca das participantes para além de sujeitos de pesquisa. As participantes passaram a ser parte do dia a dia, mulheres nas quais a equipe podia confiar, mulheres que aportavam com sua presença e palavras de ânimo, cada passo de melhora do projeto que envolvia os conversatórios.

Nesse espaço virtual, o qual a equipe deu o nome de conversatórios, teve momentos de risos, choro, preocupação, aconselhamento, discussões, reclamos, histórias de injustiça, notícias de logro, falas de saudade, memórias afetivas do lugar de origem, entre muitas outras. Cada participante permitiu a entrada nas vidas delas, e com isso aportaram a que a equipe passasse a ser integrantes ativas dessas horas semanais que compartilhavam.

A experiência dos conversatórios permite acessar relatos e vivências que outras dinâmicas roteirizadas e com interação restrita a poucos encontros não acessariam. Esses momentos construíram redes de apoio que antes não existiam e que já são muito maiores que as rodas de conversas semanais, além de possibilitarem à equipe uma visão sistêmica dessas mulheres.

## Referências

- Antloga, C. S., Monteiro, R., Maia, M., Porto, M., & Maciel, M. (2020). Trabalho feminino: Uma revisão sistemática da literatura em psicodinâmica do trabalho. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 36(spe), 1-8. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e36nspe2>
- Bejarano, M. A. G. (2016). La investigación cualitativa. *INNOVA Research Journal*, 1(2), 1-9. <https://doi.org/10.33890/innova.v1.n2.2016.7>
- Blanco, M. (2012). Autoetnografía: Una forma narrativa de generación de conocimientos. *Andamios: Revista de Investigación Social*, 9(19), 49-74. <http://doi.org/10.29092/uacm.v9i19.390>
- Castles, S. (2000). International migration at the beginning of the twenty-first century: Global trends and issues. *International Social Science Journal*, 52(165), 269-281.
- Costa, L. F., & Lordello, S. R. (2021). Pesquisa com populações vulneráveis e em contexto de grande complexidade. In E. M. F. Seidl, E. Queiroz, F. Iglesias & M. Neubern (Orgs.), *Estratégias metodológicas de pesquisa em psicologia clínica: Possibilidades e avanços* (Vol. 6, pp. 171-191). Editora CRV. <http://doi.org/10.24824/978652512468.1>
- Comisión de Derechos Humanos de la Ciudad de México. (2021). Violencia digital contra las mujeres en la Ciudad de México. <https://archivos.juridicas.unam.mx/www/bjv/libros/14/6650/7.pdf>
- Cummins, R. (2000). Objective and subjective quality of life: An interactive model. *Social Indicators Research*, 52, 55-72. <https://doi.org/10.1023/A:1007027822521>
- Díaz, Gustavo (2007). Aproximaciones metodológicas al estudio de las migraciones internacionales. *UNISCI Discussion Papers*, (15), 157-171. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=76701508>

- Dutra, D. (2012). *Mulheres migrantes peruanas em Brasília: O trabalho doméstico e a produção do espaço na cidade* [Tese de Doutorado, Universidade de Brasília]. Repositório Institucional da UnB. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/11418>
- Eakin, J. M. (2016). Educating critical qualitative health researchers in the land of the randomized controlled trial. *Qualitative Inquiry*, 22(2) 107-118. <https://doi.org/10.1177/1077800415617207>
- Federeci, S. (2017). *Calibã e a Bruxa: Mulheres, corpos e acumulação primitiva*. Elefante.
- Gallardo, F. J. C. (2009). Redes sociales e integración de los inmigrantes: El caso de las mujeres ecuatorianas residentes en Sevilla. *REMHU-Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 17(32), 61-80.
- Gil, C. G. (2019). Explorar possibilidades y potencialidades de una etnografía feminista. *Disparidades: Revista de Antropología*, 74(1). <https://doi.org/10.3989/dra.2019.01.002.01>
- Guber, R. (2019). *La etnografía: Método, campo y reflexividad*. Siglo Veintiuno Editores.
- Hine, C. (2011). *Etnografía virtual*. Editorial UOC.
- Hirata, H. (2016). Subjetividade e sexualidade no trabalho de cuidado. *Cadernos Pagu*, (46), 151-163. <https://doi.org/10.1590/18094449201600460151>
- International Organization for Migration. (2020). Countering xenophobia and stigma to foster social cohesion in the Covid-19 response and recovery. [https://www.iom.int/sites/g/files/tmzbd1486/files/documents/countering\\_xenophobia\\_and\\_stigma\\_130720.pdf](https://www.iom.int/sites/g/files/tmzbd1486/files/documents/countering_xenophobia_and_stigma_130720.pdf)
- Kosminsky, E. V. (2007). Por uma etnografia feminista das migrações internacionais: Dos estudos de aculturação para os estudos de gênero. *Revista Estudos Feministas*, 15(3), 773-804. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2007000300016>

Martín-Baró, I. (1996). O papel do psicólogo. *Estudos de Psicologia*, 2(1), 7-27.

<https://doi.org/10.1590/S1413-294X1997000100002>

Mendes, A. M. (2007). (Org.). *Psicodinâmica do trabalho: Teoria, método, pesquisas*. Casa do Psicólogo.

Nunes, M. O., & Torrenté, M. (2013). Abordagem etnográfica na pesquisa e intervenção em saúde mental. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(10), 2859-286.

<https://doi.org/10.1590/S1413-81232013001000010>

Organização Internacional para as Migrações (2009). Glossário sobre Migração, No. 22.

Organização Internacional para as Migrações.

<http://publications.iom.int/system/files/pdf/iml22.pdf>

Pistrang, N., & Barker, C. (2012). Varieties of qualitative research: A pragmatic approach to selecting methods. In H. Cooper, P. M. Camic, D. L. Long, A. T. Panter, D. Rindskopf, & K. J. Sher (Eds.), *APA handbook of research methods in psychology: Vol. 2. Research Designs: Quantitative, qualitative, neuropsychological, and biological* (pp. 5-18). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/13620-001>

Rentería-Pedraza, V. H. (2019). Calidad de vida en migrantes latinoamericanos y caribeños asentados en Madrid, España. *Papeles de Población*, 25(99), 161-185.

<https://doi.org/10.22185/24487147.2019.99.07>

Rocha, M. L., & Aguiar, K. F. (2003). Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 23(4), 64-73.

<https://doi.org/10.1590/S1414-98932003000400010>

Sassen, S. (2003). *Contra geografias da globalização – Gênero e cidadania nos circuitos fronteiriços*. Traficantes de Sueños.

Spink, M. J., Menegon, V. M., & Medrado, B. (2014). Oficinas como estratégia de pesquisa: Articulações teórico-metodológicas e aplicações ético-políticas. *Psicologia & Sociedade*, 26(1), 32-43. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000100005>

*“Haz aprendido mucho, mucho en Brasil,  
no solo del idioma, más a disfrutar de cada oportunidad,  
de cada desafío, se que no ha sido fácil  
más\* mirate lo has conseguido!! A pesar de todo” - Bebel*

## MANUSCRITO III

### **Estrategias de Mediación en mujeres migrantes hispanohablantes en Brasil**

#### **Resumen**

El fenómeno de la migración internacional es un tema que no pasa desapercibido, debido a la amplitud, diversidad y dinamismo que implica estudiarlo. En este sentido, este escrito se centrará en la experiencia de la migración femenina, relatada por participantes en los talleres virtuales del presente estudio. Teniendo como objetivo describir los resultados encontrados, para con ello responder a las interrogantes planteadas. Entre los objetivos específicos se contemplan; 1) Identificar la relación entre la lengua materna de las migrantes y las estrategias de mediación desarrolladas en contextos de producción; 2) Identificar el impacto de las diferencias entre lo esperado (prescrito) y lo real en los contextos de producción en las migrantes, y cuál fue su influencia en el desarrollo de sus estrategias de mediación; 3) Describir la relación de género, raza y tipo de migración con los diferentes contextos de producción en Brasil de las migrantes hispanas; y, (4) Especificar si existe relación entre el tipo de migración y las estrategias de mediación desarrolladas en el contexto de producción en Brasil. Esto a través de un análisis metodológico cualitativo, más específicamente etnográfico, utilizando el Programa Iramuteq para procesar los datos recopilados en los talleres virtuales de las mujeres migrantes hispanohablantes en sus diversos contextos de producción.

#### *Palabras-claves:*

Mujer migrante hispanohablante, migración y etnografía, estrategias de mediación, Iramuteq

## **Resumo**

O fenómeno das migrações internacionais é uma questão que não passa despercebida, pela amplitude, diversidade e dinamismo que estão envolvidos no seu estudo. Nesse sentido, o presente documento terá como foco a experiência da migração feminina, relatada pelas participantes, nas oficinas virtuais deste estudo. O objetivo é centrar-se, nos aspectos de gênero, raça e tipo de migração, por meio da coleta de dados sobre as estratégias de mediação desenvolvidas por mulheres de língua espanhola em diversos contextos. Para este fim, será utilizada uma análise metodológica qualitativa, mais especificamente etnográfica. Analisaremos os dados por meio do Programa Iramuteq, para responder às questões levantadas. Entre os objetivos específicos estão contemplados; 1) Identificar a relação entre a língua materna dos migrantes e as estratégias de mediação desenvolvidas nos seus contextos de produção; 2) Identificar o impacto das diferenças entre o esperado (prescrito) e o real nos contextos de produção das mulheres migrantes, e qual foi a sua influência que isso teve no desenvolvimento das suas estratégias de mediação; 3) Descrever a relação de gênero, raça e tipo de migração com os diferentes contextos de produção no Brasil de migrantes hispânicos; e, (4) Especificar se existe uma relação entre o tipo de migração e as estratégias de mediação desenvolvidas no contexto de produção no Brasil.

### **Palavras chaves:**

Mulher hispanofalante, migração feminina internacional e etnografia, estratégias de mediação, Iramuteq

## Introducción

Uno de los puntos a partir de los cuales se iniciará la contextualización del estudio es la psicodinámica. Para ello se tomará como referencia a Mendes (2007), quien realizó una revisión de la psicodinámica desde los inicios de este término. Es así, que se gesta desde las creencias hermenéuticas. Sus principales conceptos provienen de las palabras Psyché (alma) y dynamikos (dinámica), podría resumirse en cómo las reacciones de las personas se encuentran en constante movimiento.

Este abordaje científico tiene como categoría central el enfoque entre la relación de los elementos; sufrimiento/placer – contexto de producción – estrategias de mediación; Merlo & Mendes (2009). Es aquí donde se cuestiona y considera la existencia de los conflictos de interés existentes en el contexto de producción, en donde uno de los objetivos principales es analizar la interacción entre las diversas estrategias de mediación y el individuo.

En relación a los migrantes, Assis (2007) plantea que los procesos de adaptación se dan de forma constante, dificultando en ocasiones la elección voluntaria de los migrantes. En este sentido, cabe recalcar la gran diversidad que existe en este grupo: se presenta población en condición de refugiados, personas dislocadas, personas desplazadas y migrantes económicos. Ahora bien, dentro de la variedad, el estudio delimita su objetivo en relación a mujeres migrantes hispanohablantes residentes en Brasil.

En relación a los flujos migratorios y la crisis sanitaria producida por el Covid-19, Fernandes (2020) concluyó en su estudio, que no se han dado nuevos flujos migratorios, así como cambios significativos en la misma.

De igual manera, en el presente estudio se abordará el fenómeno de la migración internacional y la complejidad que presenta a partir de las especificidades, como las mujeres

migrantes hispanohablantes. En relación a esto, no se puede dejar de mencionar el escenario de la globalización, la precariedad laboral e informalidad que viven algunos migrantes, como hacen mención Cristoffanini & Hernández (2017).

Los términos utilizados a partir del Glosario de Migración, OIM (2009), que se tendrán en cuenta para esta investigación en relación al tipo de migración son: “Migración regular, Migración con fines de instalación, Migrantes de corta duración, Migrante de larga duración, Migrante documentado, Migrante en el plano internacional, Emigrantes, Extranjero, Extranjero ilegal, Inmigración, Inmigrante permanente”.

Es importante considerar que, la migración y el trabajo (como actividad humana ontológica finalísima) mantienen una relación estrecha. Por consiguiente, las mujeres migrantes ingresarán en un contexto de producción, manteniendo su estatus de migrante. Dentro de tal contexto desarrollarán estrategias que les permitan enfrentar y superar las contradicciones de su medio para preservar su integridad física, psicológica y social. Este fenómeno se da de forma orgánica, ya que existe un carácter mediador en el individuo que está en constante transformación, con su contexto de producción y su proceso de migración. Es así, que las propiedades humanas (pensar, sentir y actuar) integran la intersubjetividad bajo la forma de vivir y ser de uno mismo.

Por un lado, se puede ver al sujeto (migrante) que piensa en sus relaciones y le atribuye un sentido a las situaciones que no son solo psíquicas, sino que también dependen de las condiciones socioeconómicas ofrecidas por el contexto histórico. Así mismo, las situaciones de trabajo pueden modificar las percepciones del trabajo de sí mismo, de los otros y del propio trabajo, resultando en una subjetividad en el trabajo que puede tornarse diferente de la subjetividad del individuo. En este sentido, los autores; Dos Anjos et al. (2012) muestran que esa

subjetividad que hace posible la construcción del sentido del trabajo, parte de la percepción de placer y/o sufrimiento en un constructo único, que se origina en las mediaciones de los trabajadores para garantizar su salud, evitando el sufrimiento y buscando la vivencia del placer.

Dentro de la psicodinámica, se devela el sufrimiento a través del habla de espacio al trabajador, para rescatar la capacidad de pensar sobre el trabajo-haciendo, que este sirva como una posibilidad de desalienación, apropiación y dominación del trabajo para los que lo ejercen. Esto es fundamental para el inicio de la construcción de un colectivo, que tiene como base la cooperación y las mudanzas de la organización del trabajo. De este modo, el abordaje es al mismo tiempo investigación y acción sobre el trabajo, pues significa un modo de analizarlo críticamente y reconstruir la organización del trabajo, transformando los aspectos que causan sufrimiento (Mendes, 2007).

Es así, que el contexto de producción es un espacio donde los trabajadores desarrollan diversas estrategias de mediación para afrontar y enfrentar las contradicciones que se presenten en este entorno (Prescrito - Real), con la finalidad de preservar su integridad física, mental y social. Reconociendo, de esta forma, el carácter de mediador del individuo frente a su contexto de producción; ya que este elabora interpretaciones de los fenómenos a partir de su subjetividad, logrando así transformar la realidad en la que se encuentra. En este punto debemos considerar que, tanto el contexto de producción como los trabajadores, se encuentran en continuo cambio e influencia mutua.

A partir de lo mencionado, se puede entender a los términos “estrategias de mediación” como formas humanas de pensar, sentir y actuar, y que integran las historias de subjetividad sobre la forma de vivir y ser de los trabajadores. Esta tiene una dinámica tridimensional donde los protagonistas; así como, el contexto de producción de bienes y servicios están en constante

dinámica con la relación del ser. Es decir, lo que ocurre, lo que ocurre con los otros y lo que el individuo interpreta que ocurre. Mendes (2007).

El resultado de la interacción entre el mundo objetivo, mundo social y mundo subjetivo de los diversos contextos de producción, forman un contexto particular en los individuos, lo cual aportaría el entendimiento de las diversas situaciones migratorias que enfrentan las mujeres hispanohablantes.

Esto pues, al existir diferentes contextos dentro de la organización del trabajo de producción de bienes y servicios, se presentan diversos elementos que poseen una interdependencia articulada entre sí. Algunos de ellos son las condiciones laborales, organización del trabajo y relaciones sociales.

La Organización del Trabajo muestra lo que está prescrito, tanto a nivel formal, como informal, de lo que se debe realizar según el locus de producción. Así en las condiciones de trabajo se refieren a los elementos tangibles como el ambiente físico, equipamiento, instrumentos, tecnologías y condiciones monetarias. Finalmente; en las relaciones sociales del trabajo, se tienen en cuenta las interacciones socio profesionales presentes en el locus de producción; así como, las que intervienen en ellas como las jerarquías, interacciones colectivas e intergrupales y de externos a los usuarios. Estas constituyen la base de las estrategias de mediación, ya que podemos ver los elementos que interactúan, como la estructura, procesos y cultura organizacional.

En cuanto a las estrategias de mediación, Ferreira y Mendes (2003), postulan que es el modo de pensar, sentir y de actuar frente a un contexto de producción específico. Este busca responder del mejor modo posible ante adversidades provenientes de las contradicciones de lo

prescrito y lo real para aminorar el costo humano del trabajo, que si llega a desgastarse puede generar un sufrimiento en los individuos. Estas se grafican en la representación de vivencias individuales o colectivas de placer o sufrimiento, en donde finalmente se buscará confrontar, superar y transformar las adversidades del contexto de producción hacia una realidad saludable. Entre las principales estrategias de mediación se tienen; las estrategias operatorias, estrategias de movilización colectiva y estrategias defensivas.

Dentro de los conceptos básicos; trabajo, contexto de producción y estrategias de mediaciones (individuales y colectivas), sirven para generar un diagnóstico e interpretación de situaciones (dificultades en el contexto de producción).

Ahora bien, podemos decir que existen infinidad de temas en los cuales no se tiene consciencia de tales, como; la banalización del trabajo, violencias morales, la exclusión social, entre otras. Sin embargo; bajo esta lógica, la psicodinámica ha abierto un camino para empezar a tener consciencia frente a lo que el trabajo puede generar en los seres humanos, como menciona Dejours (2004). Dentro del trabajo tenemos dos procesos que están en constante conquista, como son la salud y el placer. Estos no son adquiridos definitivamente, son itinerantes. La conquista de la salud en el trabajo es relativa a cómo los trabajadores enfrentan las diversas situaciones ocurridas en el contexto laboral. Dentro de este contexto podemos decir que el uso de estrategias de mediación buscará generar salud y placer en el ámbito laboral. A partir de esta lógica se puede reflexionar sobre varios grupos de personas que son ajenas a esto, como son los migrantes, pero ¿Qué podemos decir de esta población? y ¿Por qué este grupo fue el que resaltó por sobre los otros?

A partir de ello se buscaron investigaciones que reflejen la situación de esta población, de las cuales se obtuvo poca información, lo contrario ocurrió con los conceptos encontrados con respecto a migración y derivados.

Dentro de la información que se cotejó, también resalta que existen pocas investigaciones con enfoque de género; es decir, migración de mujeres; Granada (2021). Por lo cual, la presente investigación busca visibilizar la experiencia de mujeres hispanohablantes dentro del marco de sus vivencias en Brasil. Esto porque, como indica Anjos & Cols. (2012) en su reflexión, existe una diferencia entre lo prescrito y lo real, y al migrar a un nuevo lugar existe mucho de lo que se espera encontrar y la realidad con la que se llega a tener contacto.

De esta manera, el presente estudio buscará ver la relación entre las estrategias de mediación desarrolladas por este grupo. Esto se realizará a partir de una metodología cualitativa etnográfica, con la cual se buscará a través de talleres lúdicos recordar temas relacionados con las experiencias vividas desde su llegada a Brasil. La realización se ha establecido de esta forma ya que, como se sabe, la recopilación de datos en la etnografía va más allá de las entrevistas, es el proceso mediante el cual los individuos construyen a partir de una experiencia. Todas estas expresiones se pretenden retratar a través de talleres con enfoque artístico, no solo basándonos en la escritura de las participantes sino también en otras expresiones artísticas que se puedan emplear. Con esto se buscará darle visibilidad a un grupo de mujeres hispanohablantes migrantes en Brasil.

Es así como se plantea la interrogante: “¿Cuáles son las estrategias de mediación utilizadas por las migrantes hispano hablantes en sus diferentes contextos de producción y cuál es su relación con respecto al género?”.

De la misma forma, responder a los objetivos específicos; (1) Identificar la relación entre la lengua materna de las migrantes y las estrategias de mediación desarrolladas en sus contextos de producción; (2) Identificar el impacto de lo esperado (prescrito) de lo real en las migrantes y cuál es su influencia en las estrategias de mediación; (3) Explicar cómo dentro de la migración la influencia del género y la raza en los diferentes contextos de producción en Brasil; y, (4) Especificar si existe relación entre el tipo de migración y las estrategias de mediación desarrolladas en el contexto de producción.

En relación a la psicodinámica, se entiende como las dinámicas de reacción de las personas frente a diversos estímulos. Es así, que aterrizando el término “psicodinámica del trabajo” se desprende que esta dinámica se contextualiza en los diversos contextos de producción. De la misma forma, en cuanto a la psicodinámica del trabajo femenino, donde se refiere a cómo un público particular reacciona en sus diversos contextos de producción.

Debemos hacer énfasis en que, en este último punto de trabajo, el presente estudio se enfoca en las estrategias de mediación que desarrollan mujeres hispanohablantes residentes en Brasil.

### **Método**

Este trabajo se basó en metodología cualitativa; Gil (2008), por medio de la propuesta de recolección de datos a través de la etnografía y la auto etnografía. Esto se realizará a través de talleres, es decir, espacios lúdicos en donde se explorará de formas diversas la percepción de cada participante. Se espera con esto que puedan evocar las experiencias en Brasil y volcarlas en las actividades realizadas en los talleres. Guerrero (2016) nos trae en cuanto a la investigación cualitativa que los investigadores debemos centrarnos en comprender y profundizar los

fenómenos analizándolos desde el punto de vista de los participantes en su ambiente y en relación con los aspectos que los rodean. Normalmente es escogido cuando se busca comprender la perspectiva de los individuos o grupos de personas a investigar, acerca de los sucesos que los rodean, ahondar en sus experiencias, opiniones, conociendo de esta forma cómo subjetivamente perciben su realidad, Vargas et. al (2015)

Dentro de la metodología a utilizarse, se busca innovar integrando el estado del arte, así como al emplear la etnografía, ya que con estas técnicas se podrá recopilar y explorar los datos desde un contexto más lúdico, para no solo recolectar las experiencias particulares de la cada migrante y cada contexto de producción, y que pueden volcarse con mayor flexibilidad quebrando así las barreras idiomáticas.

Debemos añadir sobre el análisis que, si bien la psicodinámica de trabajo, tiene a la clínica de trabajo para realizar investigaciones en el rubro, en el presente caso la segunda podría verse limitada al no considerar en totalidad la particularidad de las participantes y de los contextos de producción en los que participan.

En cuanto a la metodología etnográfica, según Guber (2019), esta busca proveer de conocimiento de las personas de forma profunda a través de los significados. Esto nos brindará información recopilada en los escritos de las participantes en cuanto a las experiencias ya vividas. Así mismo, argumenta que la etnografía no se limita a técnicas de entrevista, sino va más por un esfuerzo intelectual referido para él como una “descripción densa”. Esta normalmente es recopilada mediante una convivencia diaria con el grupo de participantes, en la cual se enfocan en las experiencias previas.

Dentro de la segunda metodología que se abordará para almacenar experiencias personales y llevarlas al ámbito científico encontramos la autoetnográfica como una herramienta extraordinaria. Esta metodología cualitativa permite que el autor sea parte del estudio. De esta manera, logra compartir todo lo que ocurrió alrededor de los sentimientos y emociones de este, haciendo que las personas se puedan identificar con la experiencia.

Dentro de lo que menciona Chang (2008), este método se basa en tres orientaciones. La primera sería la metodológica, la cual tendría base en el análisis. Después tenemos la cultural, la cual está basada en la interpretación de los factores recordados y del aspecto objeto de investigación y sujetos. Finalmente, la orientación del contenido cuya base es autobiográfica dentro de un contexto reflexivo. Salzman (2020), resalta la importante labor del modelo de investigación autoetnográfico, ya que se desarrolla una concientización constante y análisis hecho por el autor en cuanto a su contribución, influencia y forma de investigación. Este abordaje nos faculta a reconocer la subjetividad emotiva y la influencia del investigador dentro de la pesquisa, permitiendo tomarlas en cuenta durante el análisis (Ellis; Adams & Bochner, 2015).

Según Chang (2007), la autoetnografía trae a la pesquisa muchos beneficios como fortalecer el método de investigación para hacerse de fácil uso, tanto para los académicos como los lectores. Así también, llegar a una comprensión cultural y, a su vez, tener el potencial de crear alianzas o puentes entre las diferentes culturas. Con esto, se busca que las experiencias personales envuelvan al lector para dar un mayor conocimiento de la cultura y contexto social de cada una de ellas. De esta manera, se pretende alcanzar a un público diverso, el cual, muchas veces, es ignorado por la investigación tradicional.

En la representación de este método, los registros son claves para conocer y revelar experiencias diferentes. Como hace mención Alves (2017), estas se pueden manifestar de diversas formas; tales como, narrativas, dibujos, poesías, blogs, así como también otras formas de escritos personales donde los autores exponen vivencias.

### **Perfil de las participantes**

En cuanto a las participantes, se consideraron a mujeres migrantes hispanohablantes residentes en Brasil, mayores de 18 años y con acceso a internet para participar de las sesiones virtuales (colecta de datos). Dicha delimitación puede apreciarse como genérica; sin embargo, una especificación importante en las condiciones fue que accedieran a participar de todo el proceso, que consistió de tres sesiones virtuales.

Se inscribieron para participar de los talleres, nueve mujeres, que coincidentemente habían tenido contacto con los conversatorios, este espacio virtual, de aproximadamente dos a tres horas, una vez por semana, se creó para tener cercanía y familiaridad con mujeres migrantes.

Es así, que se originaron dos grupos. El primero, culminó todas las sesiones con todas las participantes inscritas; mientras que, en el segundo grupo se dieron inconvenientes en relación a temas de conexión y tiempo para ingresar a las sesiones.

Por esta situación sólo se tomó en cuenta la participación del primer grupo de cinco mujeres, que se conectaban desde diferentes partes de Brasil, como Sao Paulo, interior de Sao Paulo, el estado de Santa Catarina y alrededores. A continuación, en la Tabla 3, se detalla el perfil de cada una. Así pues, cabe resaltar que debido a la naturaleza del estudio se cambiaron sus nombres por los de activistas que inspiraron al equipo a lo largo del desarrollo del estudio.

**Tabla 3***Perfiles de las participantes de la colecta de Datos*

Participante	Edad	País de origen	Actividad laboral	Formación máxima alcanzada	Estado Migratorio	Estado civil	N° de hijos
Angela	31	Colombia	EF	Administradora de empresas	Ciudadana	Casada	0
Marielle	48	España	EI	Abogada	Visto permanente	Casada	2
Lorena	50	Perú	EI	Turismo y hotelería.	Ciudadana	Soltera	1
Sueli	47	Venezuela	EF	Licenciada en docencia	Visto temporario	Casada	4
Silvia	37	Perú	EI	Administración de empresas incompleta	Visto temporario	Soltera	4

*Nota: En cuanto a los términos; EF: Empleo formal y EI: Empleo informal.*

**Instrumento y colecta de datos**

En la colecta de datos se utilizaron como instrumento los talleres virtuales grupales, en donde a través de ejercicios lúdicos como; roleplay, juegos, visualizaciones con música, escritos de las participantes, así como, una entrevista semiestructurada para conocer a profundidad características sociodemográficas de cada participante y lo que ellas quisieran compartir en ese espacio individual. Cabe resaltar que las actividades se dieron bajo este formato con el objetivo de que cada participante pudiera expresarse en su singularidad. Las sesiones virtuales se detallan en la Tabla 4.

**Tabla 4***Contenido de las sesiones de colecta de datos*

N° de Sesión	Fechas	Contenido de la sesión	Participación	Duración
1	26/06/2021	Procesos migratorios	Grupal	1 hora 40 minutos
2	Fechas disponibles entre la sesión 1 y 3.	Entrevista (Datos socioeconómicos-demográficos)	Individual	50 minutos
3	03/07/2021	El trabajo en Brasil (Estrategias de mediación), género y raza.	Grupal	1 hora 40 minutos

Nota: Elaboración propia, teniendo en cuenta la planificación de colecta de datos.

De esta forma se buscó confirmar o descartar los presupuestos formulados a partir de la pregunta del estudio. Cabe señalar que la difusión de convocatoria para participar de los talleres para la investigación se realizó en diversas redes sociales (Instagram y Facebook) y en el grupo interno de participantes del proyecto “Relatos de Mujeres Migrantes” durante el mes de mayo del 2021. Las inscripciones se dieron a través de un formulario en línea (Google forms) donde se detalló la información sobre el objetivo del estudio, datos de contacto y la autorización para participar del estudio con relación a los términos de consentimiento libre e informado. Además del estudio fue aprobado por el comité de Ética en investigaciones del Instituto de Ciencias

Humanas de la Universidad de Brasilia (CEP - IH), CAAE: 29150719.1.0000.5540. Así mismo, el estudio realizó todas las sesiones por una plataforma de reuniones virtuales (Zoom).

### **Análisis de los datos**

El análisis del presente estudio se realiza con el programa de análisis léxico Interfaz de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires - IRAMUTEQ, versión 0.7 Ratinaud (2009). Así mismo, se utilizó el manual de pautas de trabajo en dicho programa de Ruiz (2017), de igual manera en el estudio de Brasil (2021).

Dentro del programa se optó por trabajar con la clasificación jerárquica descendente -CHD, Camargo y Justo (2013), la cual muestra una lista de palabras que eran clasificadas en base a la coincidencia encontrada. Esta se enfocó en responder la pregunta general del estudio.

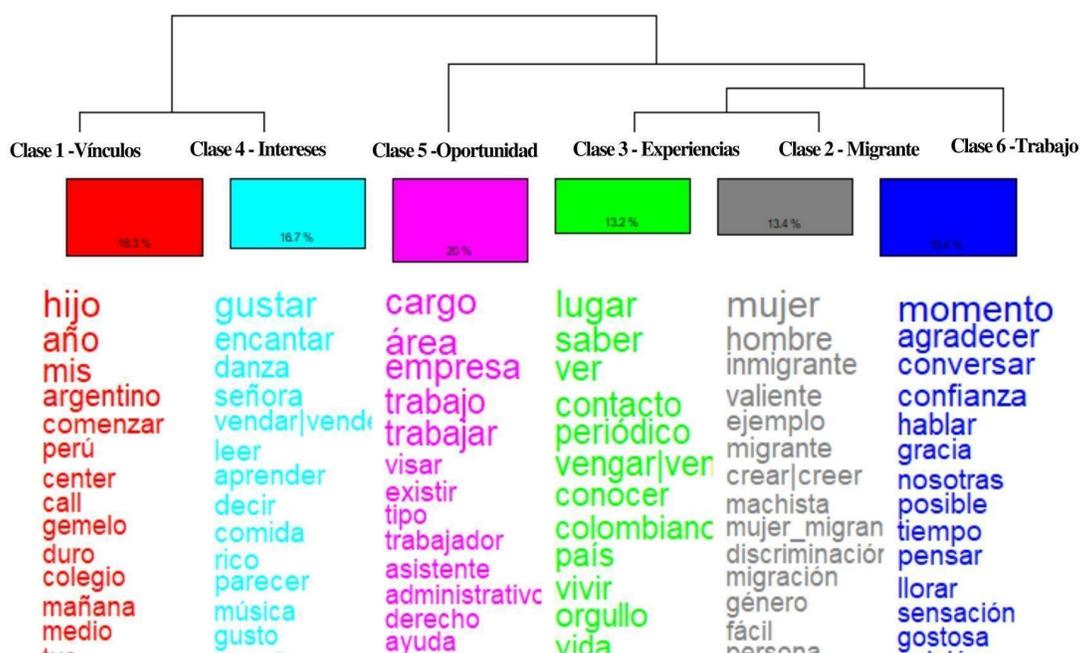
### **Resultados y discusión**

En el presente estudio ingresaron 16 textos de las tres sesiones virtuales al programa Iramuteq. De estos resultaron 49 476 ocurrencias. El análisis evidenció seis categorías que se presentaron en la información de la colecta de datos (sesiones grupales y entrevista semiestructurada individual). Con relación a la denominación de las clases y los nombres dados a cada una, se dio en concordancia con los segmentos; Clase 1 a la cual se le colocó el nombre de “Vínculos”, debido a que las palabras que fueron asociadas a las relaciones afectivas que la tenían con sus hijos, amistades, lugares y objetos. En cuanto a la Clase 2, se le denominó como “Migrante”, ya que se hicieron en referencia al proceso al que los migrantes en general están expuestos. En la clase 3 el término empleado fue “Experiencias”, pues aludía a las vivencias experimentadas. Asimismo, para la clase 4, “Intereses” fue el término que englobó los relatos

acerca de las actividades que realizaban las participantes. La clase 5 fue nombrada “Oportunidades”, pues hizo mención al acceso que tuvieron a estas y, finalmente la clase 6 se tituló “Trabajo”. Estas categorías se encuentran graficadas en la Figura 3.

**Figura 3**

*Clasificación jerárquica descendiente*



Nota: Imagen creada a partir de la transcripción de las sesiones virtuales en relación a los objetivos específicos del estudio.

A continuación, se detalla de forma general lo hallado en el análisis de Iramuteq; en cuanto a la clase 1 - Vínculos, se consideraron las palabras con mayor jerarquía para definir esta categoría. Se le colocó ese nombre debido a que, en el caso de las madres, las palabras hacían referencia directa a sus hijos y actividades alrededor de los mismos. Asimismo, una de las palabras que resaltaron fue “mis”, ya que se empleó continuamente para referirse a algo a lo cual

se sintieron vinculadas, como; familiares, lugares, objetos, entre otros. En último lugar tenemos la palabra “año”, utilizada para hacer referencia a cierto tiempo y edad. Sobre este último punto podemos mencionar un ejemplo;

*“fue una muy buena experiencia, me trataron muy bien no me puedo quejar, llegando a Perú y como todo comienzo fue difícil pero luego logré establecerme ingresé a un colegio, fue un buen **año**”*

En relación a la clase 2 - “Migrante”, en esta categoría resaltan los términos “mujer”, “hombre”, “inmigrante” y “valiente”, esto corresponde a lo vivido durante sus experiencias migratorias y los relatos que califican como “valientes” a los hombres y mujeres que deciden migrar.

En la clase 3 - “Experiencias”, se hace referencia a las vivencias en detalle, vinculadas a lugares, conocimientos previos y adquiridos, así como la percepción que tuvieron de esas situaciones.

La clase 4 - “Intereses”, se enfoca en las actividades atractivas para los sujetos de estudio y personas de su entorno, además de evidenciar la notabilidad de la interacción social a través de la narrativa en referencia al término “señora”.

Asimismo, en la clase 5 de “Oportunidades”, identifican dentro de estas a la migración y la posibilidad de participar de los conversatorios del proyecto “relatos de mujeres migrantes”.

Finalmente, en la clase 6 - “Trabajo”, hacen mención de los diversos contextos laborales, funciones y cargos, observados en su experiencia migratoria. Como el ejemplo, a continuación;

*“creo que todos hemos pasado que te contratan para una cosa y en realidad era otra esa cosa y algunas otras cositas, yo también lo he pasado en todos mis **trabajos** y no sé si a ustedes les ha pasado”*

Ya teniendo claro cada clase, en este punto, se pasará a contrastar los presupuestos con los objetivos del estudio, sin olvidar, tener en cuenta la Tabla N° 3, en donde se hace referencia al término “Empleo formal y Empleo informal”, esto en referencia a al vínculo laboral de las participantes, si están tienen un vínculo formal (contrato laboral para alguna organización) o tienen un empleo informal (actividades frecuentes sin vínculo laboral “oficial”), estableciendo así que los contextos de producción pueden ser de carácter “formal o informal”.

De los objetivos específicos, en cuanto a (1) Identificar la relación entre la lengua materna de las migrantes y las estrategias de mediación desarrolladas en sus contextos de producción. Para responder a esta interrogante se tomaron algunas palabras que coincidieron durante el análisis de Iramuteq, en donde la actividad desarrollada para hablar de “lengua materna” se encuentra agrupada en la Clase 3 “Experiencias”. En este sentido, se realizó la búsqueda de las palabras; “conocer” y “portugués”.

De acuerdo al primer objetivo se apreció que las mujeres hispanohablantes consideraron que el no saber portugués, puede significar vulnerabilidad en relación a los contextos de producción a los cuales se tendría acceso. Esto se evidencia más en el siguiente relato, en este punto se hace referencia al estudio con migrantes bolivianos en Brasil de Baeninger (2012);

*“a los bolivianos los han encasillado en que solo sirven para la costura y los tienen en trabajo esclavo para los que no **conocen** sus derechos y llegan a Brasil sin saber hablar el idioma y vienen con la ilusión”*

De esta forma, las estrategias de mediación desarrolladas se enfocaron en la movilización subjetiva frente a aprender un nuevo idioma. Asimismo, en el próximo párrafo podemos apreciar cómo el conocer el idioma, transforma la preocupación en una sensación de bienestar e identificación con el país al cual migraron, como se puede ver a continuación;

*“que ya había estado en avance entonces lo que hizo Brasil conmigo fue animarme a estudiar, aprender más el **portugués**, expresarme en **portugués**, eso me cambió un montón la mentalidad, la forma de ser, la migración me ha cambiado un montón y yo agradezco muchísimo”*

Finalmente, en cuanto a la palabra “contacto”, se pudo apreciar en el relato de las participantes, la búsqueda de algún tipo de acercamiento con personas coterráneas o hispanohablantes, como se aprecia en el siguiente párrafo;<sup>1</sup>

*“yo buscaba quienes eran de Perú y me las ingeniaba para entrar en **contacto** con esta gente, me las ingeniaba, de alguna manera buscaba de aquí de allá y conseguía y les preguntaba ¿Cómo ha sido tu experiencia?”*

Detallado lo anterior, se puede traer a acotación la reflexión de Athayde y Ocanto (2021), en su experiencia con personas que están aprendiendo portugués como segunda lengua, y cómo este aprendizaje da paso a una dinámica de expansión de la identidad, tal como se ve, en uno de los relatos previos. Ahora bien, en relación a lo planteado previo al desarrollo del estudio, sobre este primer objetivo específico; se pensó que *“la lengua materna tiene influencia dentro de las estrategias de mediación en la migración, por lo cual buscarán grupos sociales de su misma lengua”*. Se puede decir entonces que en efecto las entrevistas de las participantes reflejan, que al hablar español como primera lengua, en un entorno donde se habla portugués se asocia la

vulnerabilidad con el desconocimiento del idioma, lo cual hace que las migrantes busquen formas de aprender portugués. De igual manera, buscan relacionarse con personas del mismo país de origen o de habla hispana.

El segundo objetivo específico hace referencia a lo prescrito y lo real. Ello se encuentra en la clase 1 – “Vínculos”, de acuerdo al siguiente presupuesto; *“La migración como un sueño de mejorar su calidad de vida y el de sus familias, al tener el dispositivo materno en las mujeres, estas colocaran la responsabilidad de mejorar las condiciones de la familia. (Cuestiones de género – machismo). Las cuestiones de género como mayor influencia en la problemática de migración y desarrollo de estrategias de mediación.* En dicha categoría resaltan las palabras “hijo”, “año” y “mis”, que detonan responsabilidades de cuidado hacia sus hijos e hijas, temas en relación a su familia y las “funciones” que tienen que realizar para el cuidado de su familia, como se ve, a continuación;

*“a mi **hija** a mi esposo que antes antes yo vivía envuelta en un torbellino de tantas responsabilidades guuuuu”*

*“cuando mis **hijas** ya están durmiendo y estoy ahí hasta las dos o tres de la mañana que se termina de hacer el dulce de leche porque tengo que estar ahí moviendo y moviendo ahí queda”*

Estos relatos, se repiten en la mayoría de las líneas, donde el cuidado es una labor “prescrita” a las mujeres, más específicamente; madres o esposas. Ahora bien, en relación a lo real, se pudo apreciar que ellas comprenden las labores de cuidado de los hijos como propias, lo cual las hace parte de su realidad y rutina diaria. En este sentido, cabe resaltar los estudios de género de Zanello (2017), enfocados en los dispositivos de género. Se puede decir entonces que

las estrategias de mediación, se dan a partir del dispositivo materno de las participantes, el cual sustenta las labores diarias de cuidado que realizan.

Continuamos con el tercer objetivo, (3) *Describir la relación de género, raza y tipo de migración con los diferentes contextos de producción en Brasil de las participantes*. En este punto debemos resaltar que la perspectiva que tenían las participantes, se desarrolló en función de sus estatus migratorios, que variaron entre la ciudadanía permanente y tener una cartera de residente extranjero. Por lo tanto, no se percibió mayor influencia de este tópico en específico.

En relación, a raza y tipo de género, estos fueron agrupados en la Clase 2 – “Migrante”. Las palabras que destacan en relación al objetivo; fueron “mujer”, “discriminación”, “racismo”, “migrante”, de las cuales se seleccionaron tres frases;

*“pero Brasil es un país caro, entonces para poder tener unos ingresos que te permitan tener una vida decente entiendo que las **mujeres** se van a ver enfrentadas a situaciones difíciles”*

*“si es difícil para un brasileño de etnia indígena o que sean afrodescendientes pues el brasileño ya tiene el problema y si viene alguien de otro país le estás añadiendo esa otra **discriminación** más”*

*“mi hija mayor sufrió muchísimo **racismo** y bullying con respecto a la migración, puede ser que eso sí llega un momento en que te llegas a arrepentir, pero bueno acá estamos todavía”*

*“El racismo es una cosa que se tiene que erradicar, el **racismo** para la persona inmigrante. Si eres chola, si eres cholo pobre y migrante, ahí ya te fregaste, ahí te fregaste está complicado”*

En función a las narrativas anteriores, se puede concluir, que las participantes perciben que existe una influencia negativa, en relación a su género y un determinado segmento racial, que se ve reflejada en su rutina diaria, así como en sus contextos laborales. De esta forma grafica parcialmente lo planteado previamente para este objetivo; *“La Realidad Brasileña se encuentra dentro de un contexto eurocéntrico, donde el hecho de ser mujer y provenir de una raza específica, no son favorables”*. Si bien no hubo ninguna mención del contexto eurocéntrico, en los relatos se pudo apreciar situaciones de racismo y discriminación. Asimismo, se distingue la percepción de que las mujeres migrantes se enfrentan a situaciones de riesgo.

Finalmente, revisitamos el último objetivo específico; (4) *Especificar si existe relación entre el tipo de migración y las estrategias de mediación desarrolladas en el contexto de producción en Brasil*. En referencia a la percepción que tuvieron las participantes, se puede distinguir que existe relación entre las estrategias desarrolladas y el tipo de migración. Se enfatiza que la ausencia de un documento oficial coloca a los migrantes en un estado de vulnerabilidad en los contextos de producción. Así es que estos son orillados a desarrollar estrategias de mediación, enfocadas en la aceptación de los abusos a los cuales son sometidos. Como se puede percibir en los siguientes relatos, cabe mencionar que se utilizaron estos dos términos, ya que brindaban mayor información;

*“que han sido explotados, que les han agarrado su pasaporte diciéndoles te voy a denunciar porque estás aquí de **ilegal** por pasear, en el miedo es que han tenido que*

*seguir aceptando trabajar en estas condiciones de 14 horas o 16 horas con poco descanso o nada de descanso”*

Es importante acotar que los supuestos previos al estudio, se confirmaron en base a las percepciones de las participantes de los talleres respecto a los objetivos específicos. Resumiendo lo antes planteado, se puede decir que las estrategias de mediación desarrolladas por las mujeres migrantes, se enfocan en las experiencias compartidas en el grupo de estudio en Brasil

Dentro de los estudios realizados en Brasilia con esta población, se encontró una investigación de un grupo de peruanas que desempeñan trabajo doméstico remunerado. Dicha investigación fue realizada por Dutra (2012), en la cual relata la historia de un grupo de mujeres que ya son residentes en Brasil hace algunos años, desde el proceso de integración laboral, en algunos casos la formación de un núcleo familiar, el estrés de lidiar con la soledad y la presión de familiares en el país de origen. Esta investigación motivó una reflexión sobre la importancia de darle visibilidad a ambos grupos de mujeres, tanto a las alumnas bolsitas como a las residentes hispanohablantes.

Debido a la internacionalización de la producción se ha creado un sistema de división del trabajo a escala transnacional, con una estructura de clases global, en la que se distingue una clase directiva transnacional en la cumbre frente a los trabajadores industriales, divididos entre trabajadores establecidos y trabajadores no establecidos.

Kosminsky (2007), analiza el término género, en los estudios sobre migración en los Estados Unidos durante los años 80, en donde el rol de la mujer aparece en el análisis del proceso migratorio, criticando de esta forma investigaciones previas, enfocadas únicamente en el sujeto masculino.

En relación al Género, Kosminsky (2007) nos invita a reflexionar en torno a cómo es visto el “género” como factor fundamental que organiza el contexto social y que viene actuando desde el inicio de la existencia. Esto llama la atención, ya que se diferencia de otras fuerzas sociales estratégicas como la clase social y raza. Es así que el género no puede analizarse de forma independiente, es necesario sopesar otras variables como; clase social, raza, etnia, grupo etario, orientación sexual, entre otros. Estas características conllevan tópicos que se interrelacionan, aunque no se consideren categorías “naturales”.

Arrieta (2018) plantea que una reflexión vista desde una mirada etnográfica feminista posibilita ver como el género opera en diversos aspectos, tales como la migración.

Así como nos menciona Baro (2006), en relación a las nuevas prácticas, hay una gran tarea por delante para la psicología latinoamericana en cuanto a una psicología de la liberación. Esto solo podrá lograrse con una práctica comprometida con las necesidades y esperanzas de los pueblos latinoamericanos. Baro (2006) cita literalmente que “todo conocimiento humano está condicionado por los límites impuestos por la propia realidad. Bajo muchos respectos la realidad es opaca, y sólo actuando sobre ella, solo transformándola, le es posible al ser humano adquirir noticias de ella”.

Gonzalez (2018), en su estudio en relación al reconocimiento de derechos y la movilidad internacional, analizó resultados de entrevistas a personal del sistema judicial argentino. En estas se evidenció que existen trabas simbólicas y materiales, en relación a las representaciones sociales construidas históricamente sobre los extranjeros, lo que dificulta que sean vistos como sujetos de derecho; Blanco (2006). Como Cruz et al. (2012), en cuanto al autorrelato, y como los investigadores hacen parte del objeto de estudio.

Frente a estas posturas, que terminan excluyendo o descalificando a gran parte del pensamiento crítico en la academia, contrapongo una política instrumental que puede contribuir desde la lucha ideológica a la construcción de comunidad y a la redefinición de las identidades. Pierre (2009) pone el dedo en la llaga sobre una de las limitaciones de ciertas definiciones de la investigación-activista relacionada con la deslegitimación de quienes no realizan investigación con grupos organizados por la justicia social. El estudio de los grupos de poder, de las historias de resistencia, de las lenguas minorizadas, aunque no se realice en diálogo con grupos organizados, puede hacer importantes aportes para la “deconstrucción y desestabilización de las redes de poder” que justifican o normalizan la desigualdad.

Si nuestro propósito, como colectivo en formación, es que nuestras propuestas metodológicas encuentren eco en una academia cada vez más polarizada entre la “neutralidad y el compromiso”, es importante que partamos del diálogo constructivo y de la creación de espacios de interlocución abiertos, en los que se reconozcan las diferentes estrategias y caminos para la formulación de una antropología socialmente comprometida que contribuya a la construcción de una vida más justa para los hombres y las mujeres en nuestras regiones de estudio.

Como bien advierte, Gargallo (2007), es urgente reorientar los estudios para que la producción de conocimiento considere la mirada feminista latinoamericana, lo que ayudará a transformar el imaginario de mujer que se tiene.

## Consideraciones finales

El presente estudio procura generar visibilidad respecto a las mujeres migrantes en Brasil, enfocándose en los diversos aspectos relacionados con ellas en torno a las estrategias de mediación que generaron a partir de la migración, las que se vinculan a sus labores actuales.

Dentro de las participantes se buscó contar con alumnas hispanohablantes bolsistas de maestría y doctorado de la Universidad de Brasilia, ya que para quienes integran este grupo aún existe una brecha cultural y lingüística por superar debido a que muchas de ellas llegaron a Brasil sin el dominar el idioma portugués. Ahora bien, dentro de las experiencias que han ido acaeciendo se resalta el efecto que tiene el hecho de que una considerable parte de la población piensa que estudiar es una actividad sencilla, cuando la realidad es que constantemente el estudio conlleva muchos sacrificios y al considerarlo como una tarea sencilla se minimiza la situación que atraviesa el estudiante. Este es uno de los puntos que fue frecuentemente mencionado por alumnas hispanohablantes.

Además de ellas, se buscó también la participación de mujeres que hubieran obtenido la residencia en Brasilia hace algunos años. Esto responde a la necesidad de recopilar datos de varias fases del proceso de migración, así como también al darle visibilidad a la población de mujeres hispanohablantes que actualmente trabajan y se encargan de toda una estructura familiar.

En relación a la migración, sobre todo en el contexto actual de crisis sanitaria por Covid – 19, podemos apreciar como este tema posee variados impactos en la sociedad. Se espera que el estudio contribuya con la comprensión y enriquecimiento de los términos relacionados a la migración femenina en Brasil y estrategias de mediación que se desarrollan durante esa

dinámica. De esta forma se busca favorecer el debate sobre el tema, generando así la construcción de sociedades más inclusivas que reconozcan la complejidad de la dinámica migratoria.

## Referencias bibliográficas

- Arrieta de Guzmán, T. (2018). Sobre el pensamiento feminista y la ciencia. *Letras (Lima)*, 89(130), 51-78.
- Assis, G. D. O. (2007). Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. *Revista Estudos Feministas*, 15, 745-772.
- ATHAYDE, I.A.V.H; OCANTO, J.M.S. “O medo do “não-eu”: preconceito linguístico e transnacionalismo”, em *Revista Ponte*, v. 1, n. 5, jun. 2021. Disponível em: <https://www.revistaponte.org/post/medo-n%C3%A3-eu-prec-ling-transnac>
- Baeninger, R. (2012). O Brasil na rota das migrações latino-americanas. *Imigração boliviana no Brasil*, 9-18.
- Blanco, C. (2006). Migraciones: Nuevas movilidades en un mundo en movimiento. *Migraciones*, 1-284.
- Brasil, J. A. (2021). Migrações e mídia durante a pandemia de COVID-19: uma análise de notícias publicadas no jornal Folha de São Paulo. *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 29, 171-188.
- Chang, H. (2007). *Autoethnography: Raising cultural consciousness of self and others*. In *Methodological developments in ethnography* (pp. 207-221). Emerald Group Publishing Limited.
- Chang, H. (2008). *Autoethnography as method*. Walnut Creek, Calif.: Left Coast.

- Cristoffanini, M. T., & Hernández, P. C. (2017). Desde las epistemologías feministas a los feminismos decoloniales: Aportes a los estudios sobre migraciones. *Athenea digital*, 17(1), 145-162.
- Cruz, María Angélica, Reyes, María José, & Cornejo, Marcela. (2012). Conocimiento Situado y el Problema de la Subjetividad del Investigador/a. *Cinta de moebio*, (45), 253-274. <https://dx.doi.org/10.4067/S0717-554X2012000300005>
- Dejours, C. (2004). Addendum: da psicopatologia à psicodinâmica (1993). S. Lancman, S. & LI Sznelwar (Orgs.), *Cristophe Dejours: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Rio de Janeiro/Brasília: Fiocruz/Paralelo, 15.
- Dos Anjos, F. B., Mendes, A. M. B., Júnior, A. V. D. S., & Facas, E. P. (2012). Trabalho prescrito, real e estratégias de mediação do sofrimento de jornalistas de um órgão público. *Sistemas & Gestão*, 6(4), 562-582.
- Dutra, Delia (2012). Mulheres migrantes peruanas em Brasília. O trabalho doméstico e a produção do espaço na cidade. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 20(39).
- FERNANDES, D., Baeninger, R., de Castro, M. D. C. G., Balieiro, H. G., Rocha, J., Borges, F., ... & Domeniconi, J. (2020). Impactos da pandemia de Covid-19 nas migrações internacionais no Brasil: resultados de pesquisa. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População—Elza Berquol—Nepo/Unicamp.
- Ferreira, M. C., Mendes A. M. (2003) Trabalho e Riscos de adoecimento: O Caso dos Auditores-fiscais da Previdência Social Brasileiras (pp.43-52). Brasília : Ler, Pensar, Agir.

- Gargallo, Francesca. (2007). Feminismo Latinoamericano. *Revista Venezolana de Estudios de la Mujer*, 12(28), 17-34. Recuperado en 29 de mayo de 2022, de [http://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1316-37012007000100003&lng=es&tlng=es](http://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1316-37012007000100003&lng=es&tlng=es).
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de Pesquisa Social* (6th ed.). São Paulo: Atlas
- González, A. P. (2018). Movilidades humanas internacionales: tensiones y coincidencias en discursos jurídicos. *Misión Jurídica: Revista de derecho y ciencias sociales*, 11(15), 83-100.
- Granada, I., Ortiz, P., Muñoz, F., Saldarriaga Jiménez, A., Pombo, C., & Tamayo, L. (2021). La migración desde una perspectiva de género: Ideas operativas para su integración en proyectos de desarrollo.
- Guber, R. (2019). *La etnografía: método, campo y reflexividad*. Siglo XXI editores.
- Guerrero Bejarano, M. A. (2016). La investigación cualitativa. *INNOVA Research Journal*, 1(2), 1-9. <https://doi.org/10.33890/innova.v1.n2.2016.7>
- Kosminsky, E. V. (2007). Por uma etnografia feminista das migrações internacionais: dos estudos de aculturação para os estudos de gênero. *Revista Estudos Feministas*, 15, 773-804.
- Martín-Baró, I. (2006). Hacia una psicología de la liberación. *Psicología sin fronteras: revista electrónica de intervención psicosocial y psicología comunitaria*, 1(2), 1.
- Mendes, A. M. (2007). *Psicodinamica Do Trabalho: Teoria, Metodo E. Casa do psicólogo*.
- Mendes, A. M. (2007). *Psicodinamica Do Trabalho: Teoria, Metodo E. Casa do psicólogo*.

Merlo, Á. R. C., & Mendes, A. M. B. (2009). Perspectivas do uso da psicodinâmica do trabalho no Brasil: teoria, pesquisa e ação. *Cadernos de Psicologia Social do trabalho*, 12(2), 141-156.

OIM (2009). *Organização Internacional Para As Migrações (Ed.). Direito Internacional da Migração: Glossário sobre migração*. 22. ed. Genebra: Organização Internacional Para As Migrações, Suíça. 92 P. (SSN2075-2687). Disponível em:<<http://publications.iom.int/system/files/pdf/iml22.pdf>>. Acesso em 29 de abril de 2018

Ratinaud, Pierre. IRAMUTEQ: Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires, 2009. [Software de computador].

Ruiz Bueno, A. (2017). *Trabajar con Iramuteq: Pautas*.

Vargas, M. G., Higueta, C. G., & Muñoz, D. A. J. (2015). El estado del arte: una metodología de investigación. *Revista Colombiana de Ciencias Sociales*, 6(2), 423-442.

Zanello, V. (2020). *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Editora Appris.